

13-3-142x

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Novembro de 1926

N.º 23

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARY:

A "REVISTA ESCOLAR."

QUESTÕES GERAES: 1 — O methodo "Montessori." 2 — O character. 3 — O apparelhamento "Montessori" e o seu modo de applicação.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Arithmetica. 2 — Geographia. 3 — Linguagem. 4 — Zoologia. 5 — Historia do Brasil. 6 — Hygiene.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Corram todos! 2 — Pegador com bóla. 3 — Bombardeio. 4 — Capitão. 5 — Circulos. 6 — Pegue quem puder! 7 — Cortina. 8 — Entre pés. 9 — Relogio.

PEDOLOGIA: 1 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — Nozes. 2 — O coral. 3 — Fontes thermaes. 4 — Aguas mineraes. 5 — Canalização.

RESENHA PEDAGOGICA: 1 — O ensino no Mexico. 2 — O ensino "Montessori" na Italia.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — 15 de Novembro. 2 — A lenda do myosotis. 3 — O torrão natal. 4 — A boneca. 5 — O ardor da vovó. 6 — O lobo agonizante. 7 — Verdadeira polidez. 8 — O castigo do cedro. 9 — Amigos fieis. 10 — Sol espirital. 11 — Cantando a vida. 12 — Ninguem me engana... 13 — A caridade.

NOS ARRAIAES DO ENSINO: 1 — O ensino de desenho nas escolas normaes.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — Saudade.

VULTOS E FACTOS: 1 — Ruy Barbosa.

O "FOLK-LORE" NA ESCOLA: 1 — A onça e o gato. 2 — O macaco e a cotia. 3 — A lenda da victoria-regia. 4 — Trovas pampeanas.

NOTICIAS.

SECRETARIA DO INTERIOR.

S. PAULO - Brasil

1926

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Novembro de 1926

N.º 23

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — novembro — 1926.

Entre nós, as questões relativas ao ensino publico, mórmente quando se referem ás instituições escolares, mui raramente são tratadas pela imprensa com a attenção que reclamam.

Em geral, o purido de ostentar erudição sacrifica o senso analytico que, no caso, deveria predominar. Dahi resulta não ficar o assumpto esclarecido e, ás vezes, nem siquer são assignalados os pontos que realmente demandam rectificações, ou aperfeiçoamentos. O espirito critico, ao invés de applicar-se a uma analyse calma, reflectida, tendo por escopo examinar, corrigir e guiar, mantem-se no terreno puramente theorico, sob o dominio dum verbalismo insolito, sem nenhum resultado pratico e positivo.

E assim, absorvido por doutrinas de todos os matizes, boas ou más, obsoletas ou modernas, umas colhidas na pedagogia classica, outras recebidas pelo ultimo transatlantico — esse mesmo espirito desvia-se do assumpto que deveria constituir o objecto capital de seu estudo, ou, melhormente, abandona-o para substituil-o por esse pessimismo



systematico por tudo quanto é nosso em materia de ensino. Citam-se, então, numa verdadeira caudal de transcrições, os institutos escolares estrangeiros, seus methodos educativos, suas innovações etc., etc., como paradigmas que devemos seguir cégamente; entretanto, não se trata de encarar esse facto sob o ponto de vista do nosso meio, da nossa indole, dos nossos costumes, das nossas necessidades ethnicas e sociaes, enfim.

E é por um processo tão summario, quão imperfeito, que são julgadas e estudadas nossas organizações escolares. Não trazem ellas em suas contextura a copia fiel das congeneres d'além mar? Não prestam; não valem nada!

Tal maneira de encarar os problemas de ensino entre nós, já deu margem a que, no "Estado de S. Paulo," em topicos dum rodapé intitulado "Sua Eminência o Extranjeiro" — o illustrado escritor Amadeu Amaral assim se exprimisse:

"Somos como uma familia que residisse num velho prédio cheio de rachas, atacado de tremores e que, em vez de reforçar as paredes e de limpar a casa, mobilasse e adornasse o seu interior à feição de um bazar de móveis de todos os países e com quinquilharias de todos os turcos de passagem.

Em matéria de instrução primária, para dar um exemplo, reclama-se a cada momento que sejam adoptados a toda pressa os últimos aperfeiçoamentos aparecidos nos Estados Unidos, na Suécia ou na Allemanha: escolas para atrasados mentais, escolas ao ar livre, escolas-sanatórios de praia ou de montanha, registos antropométricos e psicométricos da pequenada, aulas de ginastica e de "sloïd," cursos de anti-alcoolismo, de civismo e de patacoadas; enfim, tudo, tudo quanto surge no campo dos óculos de alcance voltados para além. Entretanto, o de que necessitamos por agora com verdadeira urgência é simplesmente — de escolas; de escolas "tout court," como se diz em bom português.

Escolas primárissimas, onde se ensine a lêr, escrever e contar, a amar a pátria e a decorar os mandamentos do Decálogo, — eis o de que precisamos antes de mais.

Muitas escolas assim, em casas grandes e belas, em galpões, em ranchos, em mansardas, ao ar livre, sem ar livre, com psicomетria ou sem ela, com professores sábios ou simplesmente com decuriões honestos e ajuizados; milhares de escolas assim, espalhadas por toda a parte, em todos os bairros, em todas as fazendas, em todos os povoados, em todos os recantos, — eis o essencial para um país onde o analfabetismo impera e onde o analfabetismo moral ainda faz maiores estragos do que o outro, como em toda a parte.

Se, porém, por uma hipótese muito remota, se fixasse entre nós este critério modesto e razoável, que seria dos nossos bons patricios especializados em altas questões de cultura intensiva, dos que precisam mostrar o que sabem e dos que ávidamente acompanham através das revistas o triunfal movimento das idéas e das realidades no seio das civilizações dinâmicas?

Aí é que está a grande difficuldade."

Salvante certos pontos, taes como aquelle em que o distincto academico entende dever-se dar um character de nimia simplicidade aos programmas dos nossos cursos primarios, as suas proposições encerram, com toda justeza e opportunidade, verdades irretorqueiveis.

Nada, pois, nos resta a accrescentar; apenas pedimos venia ao autor para, em parodia á ultima phrase do trecho citado, dizer:

"Ahi é que está a grande verdade."



QUESTÕES GERAES

O METHODO "MONTESSORI"

Tem tomado grande desenvolvimento, nestes ultimos annos, um novo methodo de educação da primeira infancia, cuja fama já chegou até ao Brasil. Trata-se do methodo "Montessori," do nome duma grande educadora italiana, Maria Montessori, formada em medicina pela Universidade de Roma e que a principio se dedicou, como especialista profissional, aos deficientes e anormaes.

Estudante applicada e intelligente de psychiatria, foi essencialmente como medica que ella iniciou as investigações e trabalhos que a levaram, pelo caminho da observação individual, ao terreno da pedagogia propriamente dita.

A Dra. Montessori tomou como guia de seus estudos os importantes trabalhos e experiencias decisivas de dois grandes especialistas, Séguin e Itard, cujos methodos applicou no tratamento dos deficientes e anormaes.

São mais ou menos conhecidos os processos applicados a esses enfermos conhecidos pela designação geral de retardados.

O trabalho de cura se resume na re-educação ou na educação das faculdades perdidas ou embotadas; faz-se por processos de gymnastica mental, ou physica, que vae desentorpecendo a intelligencia e os sentidos até restabelecer-lhes pleno funcionamento ou até ao maximo gráo permissivel pela gravidade da doença. De observação em observação, a pedagogia italiana foi chegando á conclusão de que havia uma certa identidade entre o individuo com o seu desenvolvimento psychico e sensorial retardado anormalmente, isto é, numa idade em que commu-

mente certas faculdades já devem estar desenvolvidas, e a criança, na primeira idade.

No primeiro caso, tratava-se dum retardado anormal; no segundo, dum retardado normal, isto é, com os sentidos e a intelligencia num gráo de desenvolvimento rudimentar proporcional á sua idade.

Da identidade dos casos concluiu ella a identidade dos processos a applicar, chegando por outra via á formula do jardim da infancia de Fröbel, segundo a qual a educação do homem deve começar desde o berço, comtanto que se applicuem processos especiaes adequados á situação dos individuos cuja idade não permite o systema commum da escola primaria do typo corrente.

Parecerá, á primeira vista, que não valeria a pena tantos esforços e estudos para chegar-se a uma conclusão já conhecida e até applicada, durante muitos annos.

Com effeito, o jardim da infancia de Fröbel e o jardim da infancia de Montessori, denominado pela sua creadora de *Casa de Bambini*, não são duas coisas differentes, na sua essencia.

Num e outro põem-se em jogo certos exercicios que se destinam a promover o desenvolvimento dos sentidos e da intelligencia.

No jardim da infancia e na *Casa dei Bambini* as crianças executam os seus exercicios por meio de jógos infantis e brinquedos.

Só um exame comparativo do systema "Fröbel" e do systema "Montessori," nos seus meios de acção, poderá justificar esses esforços e estudos, pondo em destaque as differenças que os distinguem.

Resumindo, os fins do jardim da infancia de Fröbel são: o desenvolvimento dos musculos, do espirito de observação, do senso musical; organização dos jógos e elevação do nivel dos prazeres em geral; promover o amor á natureza, pondo as crianças em contacto com ella; o adestramento da mão, o desenvolvimento da apreciação visual e dos sentidos em geral; pratica do manejo da materia e de suas qualidades; ministrar no-

ções de grandeza e de numero; educação moral com o despertar do sentimento religioso. Além dos canticos, da jardinagem e dos trabalhos manuaes, Fröbel põe em jogo uma série geometrica que começa pela esphera, vae ao cubo decomponivel em varios sentidos, chegando depois ás superficies, linhas e pontos.

E' esse, em synthese, o aparelhamento do jardim da infancia fröbeliano que tem correspondido e ainda corresponde satisfactoriamente ás necessidades educativas da primeira infancia.

Elle representa mesmo uma das grandes creações geniaes da Humanidade, pelo que tem de intuição de verdades que só muito mais tarde, esforços accumulados de experimentadores esforçados conseguiram precisar.

A *Casa dei Bambini* representa precisamente uma refórma fundamental do fröbelismo nos seus meios de acção, inspirada exactamente nas experiencias realizadas posteriormente.

Para que se avalie bem o valor de antecipação genial que ha no fröbelismo, basta lembrar que essa preocupação de influencias, pela formação e pelo desenvolvimento dos sentidos, a educação do individuo, surgiu numa época em que as mais sérias resistencias se oppunham ao conceito duma co-relação entre o sêr psychico e o sêr physico.

Ainda não existia, sob uma fôrma organizada, a psychologia experimental, na moderna sciencia que filiou tão estreitamente grande numero de phenomenos do mundo moral á physiologia do systema nervoso.

Dahi, certas falhas do fröbelismo, falhas que lhe tiram o character scientificamente systematico. A finalidade de muitos *dons* fröbelianos tem alguma coisa de vago, de indeterminado, a que faltam as precisões que a feição positiva da sciencia modernamente exige em todos os campos da actividade, a investigação humana.

Alguns "motivos," mesmo, dos *dons* fröbelianos resentem-se duma nevoa de metaphysica que, só mais tarde, as observações dos continuadores e interpretadores de Fröbel conseguiram esbater. A evolução da psychologia, até chegar a considerar-se uma sciencia já grandemente experimental, veio

justificar o fröbelismo, com razões novas que acarretam a necessidade de novos meios de applicação do systema.

Foi esse o trabalho da Dra. Maria Montessori.

Os dons fröbelianos modificaram-se, transformaram-se, foram substituídos para corresponderem mais completamente a fins mais precisos. De tal sorte se fez essa transformação, que se chegou a um systema novo pela differença e pelas modificações dos meios e instrumentos empregados, cada qual com uma acção mais limitadamente determinada e com um alcance mais scientificamente preciso.

Elles se relacionam mais directamente com os attributos e funcções do sêr physico a desenvolver, que o methodo "Montessori" considera primordialmente um organismo cujos sentidos devem sêr levados á maxima intensidade perceptiva. O methodo "Montessori" não é nem pôde pretender sêr uma coisa differente do fröbelismo, nem antagonica ao systema do grande educador allemão. E' um passo culminante de sua evolução. A *Casa dei Bambini* é o jardim da infancia reorganizado sobre bases mais racionaes, mais positivas, mais scientificas.

CORYNTHO DA FONSECA.

* * *

O CARACTER

Na cultura do caracter resume-se toda a educação moral dum individuo. E' esse o verdadeiro fim da educação completa, integral. O caracter faz com que o homem permaneça firme aos seus principios entre as próvas e tentações da vida; habilita-o a agir obedecendo á justiça e á verdade; a calar-se quando o falar seja murmurar; fal-o proceder como *homem* entre os outros homens. O caracter é um poder, uma força no mundo.

E' dever, pois, de todo o educador empregar o maximo de seus esforços em desenvolver na criança um caracter firme, forte, completo.

Quando isto fôr conseguido, pôde-se dizer que a educação alcançou a meta desejada.

Só é verdadeiramente educado o homem que aprendeu na infancia a empregar a sua vontade na execução de actos dignos; quando o seu intellecto — esse admiravel machinismo estiver perfeito, isto é, com todas as peças igualmente fortes, cada uma desempenhando sua missão — prompto, emfim, a sêr util, a sêr bem aproveitado.

E' educado o homem que conhece as grandes e fundamentais leis da natureza.

Sêr educado não é sêr asceta; é ter vivacidade, alegria e dominio das paixões pela vontade vigorosa. E' aprender a amar o bello na natureza e na arte; a odiar a vileza, a respeitar aos outros, bem como a si mesmo.

Este deve sêr o ideal de todo educador. Pôde não alcançal-o; mas não procural-o, é injustiça para com os seus discipulos.

* * *

O APPARELHAMENTO "MONTESSORI" E O SEU MODO DE APPLICAÇÃO

Antes de mais nada, é a propria autora do methodo que nos põe em guarda contra o precalço de se considerar apenas a parte material dos seusapparelhos.

A tendencia do professor — diz ella — deve sêr antes para o espirito do que para o mecanismo do methodo.

Em seguida insiste no preceito de se respeitarem as livres manifestações naturaes da criança.

Tudo quanto force a sua attitude, como cadeiras e bancos fixos etc... é summariamente condemnado.

Ella recommenda um mobiliario leve e facilmente amovivel pelas proprias crianças, sendo que certos exercicios escolares são executados simplesmente sobre um tapete.

A abolição dos premios e recompensas é a mais formal.

A *Torre* é um dos primeiros exercicios, no qual as crianças aprendem a avaliar as relações de dimensão.

Compõe-se duma collecção de cubos de grandeza decrescente, que ellas arrumam, accumulam gradualmente, do maior para o menor.

Como exercicio chamado da “vida pratica” e que constitue uma innovação, ha oito molduras, tendo cada uma duas bandas de panno que se ligam pelos varios processos usados no vestuario.

São de tal modo arrançados esses quadros que, graças a elles, as crianças adestram os dedos nas operações mais difficeis de executar, para ellas, como abotoar, dar laços, acolchetar etc. . . .

Como continuação do jogo da *Torre*, ha tres prismas grossos, de madeira, com dez buracos circulares cada um. No primeiro, os buracos decrescem em diametro; no segundo, em altura e diametro; e no terceiro, em altura sómente.

Cada um desses prismas traz uma collecção de dez cylindros com um pegador, como os pesos de balanças communs, mas de madeira. O jogo consiste em acertar as crianças com o cylindro correspondente ao buraco onde deve caber exactamente.

As crianças são levadas, como se vê, por esse exercicio, a um esforço de apreciação e comparação de dimensões cujos erros o proprio aparelho põe em evidencia.

Duas collecções de dez prismas cada uma, uma mais larga, outra mais estreita, formam uma variante dos exercicios de avaliação e apreciação comparativa de grandezas. Chamam-se, respectivamente, *a escada larga* e *a escada comprida*.

Esta ultima decresce á razão de um decimetro por prisma ou por degráo e offerece oportunidade a varios exercicios de iniciação arithmetica.

Como primeiro exercicio para a audição, figuram seis caixas, cada uma das quaes com certa quantidade de material differente.

As crianças são adestradas em conhecer o material que cada uma contém, ouvindo o ruido que ellas fazem, sacudidas.

As caixas das côres desenvolvem o sentido da visão.

São duas caixas contendo cada uma sessenta e quatro cartões chatos com oito cores e oito nuances de cada cor.

Os alumnos são convidados a casar cada cor, cada tom duma caixa, com o correspondente da outra.

É um exercício que seria muito útil para muita gente grande que attribue a fatalidades morbidas de retina a incapacidade de destringer entre certas nuances muito proximas.

Ver-se-á que em muitos casos se trata dum caso de simples má educação visual.

Para a differenciação do peso, a Dra. Montessori imaginou tres collecções de taboinhas, pesando, respectivamente, 24, 18 e 12 grammas.

Misturadas essas taboinhas, as crianças terão de classificá-las segundo os pesos, avaliados sobre as mãozinhas.

Duas placas, uma forrada por um quadrado de papel de lixa, ao lado doutro, do mesmo tamanho, de papel liso; a outra, forrada por doze tiras de papel liso e papel de lixa; alternadas, servem para exercitar o tacto.

Esse exercício costuma ser repetido pelas crianças vendadas.

Como um desenvolvimento deste ultimo exercício tactil, figura uma collecção de tecidos de naturezas diversas, como velludo, seda, linho, algodão etc. . . . que as crianças têm de differenciar, primeiro pela visão e pelo tacto, depois pelo tacto só, com os olhos vendados.

Vêm, depois, duas collecções de placas affectando varias formas planas, geralmente geometricas. Numa dellas os sólidos são de madeira, com pegadores e têm, como os cylindros, encaixes onde as crianças se exercitam em ageital-os.

Além disso, percorrem-lhe a periphéria com os dedos, primeiro, vendo-os, depois de olhos vendados, de modo a identificá-lhes os nomes, que então aprendem com as respectivas formas.

Em tres quadros muraes, essas formas são reproduzidas, em cheio, em lineamento grosso e a traço fino.

A outra collecção é de dez placas de metal, affectando outras tantas formas geometricas regulares.

Com ellas começam os primeiros exercicios de desenho.

Applicando cada placa sobre papel branco, executam-se duas especies de exercicios, ora riscando a lapis toda a parte do papel não occupada pela placa, ou riscando simplesmente o perimetro de cada figura.

Passam, então, as crianças á leitura e á escrita e á arithmetica.

O estudo da leitura e escrita é feito simultaneamente.

Ha, para isso, um alphabeto feito de cartões, onde as letras são formadas de lixa, que os alumnos reconhecem pelo tacto, ora a olho descoberto, ora vendados, exercitando-se em formar palavras pelo methodo da phonação.

A professora põe todo o cuidado em fazer com que os alumnos percorram cada letra com os dedos, *no sentido da escrita*, de modo que insensivelmente educam os movimentos musculares para escreverem.

Para o ensino dos numeros procede-se semelhantemente, e as operações fundamentaes são aprendidas com o uso conjunto de algarismos de lixa e de páozinhos, como no methodo aconselhado por Laisant, na sua *Iniciação Mathematica*.

Eis o essencial de que se compõe o material didactico do systema "Montessori," já accrescido hoje dalguns elementos novos, dos quaes se destacam como mais dignos de nota os destinados á educação musical.

Consistem numa dupla collecção de treze campainhas, inventadas e introduzidas no systema pela professora Maccheroni, directora da *Casa dei Bambini*, de Milão, e de taboas com cinco sulcos parallelos, representando o pentagramma, e rôdelas de pão, representando notas que se fixam nesses sulcos.

As campainhas representam uma escala chromatica.

Primeiro, a professora faz vibrar uma campainha duma das collecções, enquanto que um alumno procura fazer vibrar a campainha doutra collecção, cujo som corresponda exactamente ao da campainha vibrada.

O exercicio vae se complicando gradativamente, até que os alumnos sejam capazes de dizer o nome exacto da nota vibrada,

provando assim poder guardar a memoria sonica de cada nota e identificall-a pelo ouvido.

Os pentagrammas servem de iniciação á graphia musical.

Outros muitos exercicios interessantes se executam na *Casa dei Bambini*, que merecem referencia.

Assim, os cantos e dansas rythmicas, o passeio sobre a linha de giz, traço caprichoso feito no chão e que os pequenos seguem cuidadosamente.

Uma grande parte do programma é dedicada aos "exercicios da vida pratica." Assim, entre elles, figuram o vestir e o despir, o asseio pessoal, a arrumação da casa e a refeição.

Neste ultimo, o Chiquinho e a sua buliçosa prima, os tre-fegos heróes d'O *Tico-Tico*, provam que, bem aproveitados, podem deixar de sêr os terriveis quebra-louças de tradição.

Nas *creches* italianas, onde funcçiona, o methodo "Montessori" é feito só por interessantes garotos e garotas de tres a cinco annos.

Com o maximo cuidado, grande geito e muita ordem, servem a mesa e comem com ademanes de gente da mais fina e educada. E, no requinte, só usam louça fina, que as pequenas mãozinhas manejam sem desastre.

Os trabalhos manuaes mais correntes resumem-se na modelagem.

Cada pequeno tem a seu cuidado uma planta pela qual vela com carinho e zelo.

Nos exercicios de linguagem, a professora ensina-lhes a compôr, com a mimica adequada ás expressões das phrases que enunciam.

Falta referir, para remate, um curiosissimo exercicio montessoriano e a que chamam *a hora do silencio*.

Por meio de — *pssts!* gradativos, a professora vae levando, pouco a pouco, o seu rebanho ao silencio mais completo.

Depois, cada vez mais baixo, cada vez mais baixo, chama um, chama outro dos petizes, faz estalar um palito, vae discriminando essa porção de ruidos do silencio, si nos permitem a expressão, o que dá á *hora do silencio* uma singular poesia, um

encanto especial, ao mesmo tempo que apura ao maximo a faculdade auditiva.

*

Um homem que, como principal adestramento, tenha conseguido desenvolver até o maximo de acuidade todos os sentidos, pode sêr considerado como um trabalho de educação grandemente desenvolvido.

Um dos principaes elementos de educação tem-n-o elle nessa maior capacidade para receber as impressões do ambiente. Consideremos o valor formidavel desse aparelhamento sensorial e facilmente chegaremos á affirmacão dum dos mais decisivos valores do methodo "Montessori" que, sem se descuidar dos outros factores do problema, tão intensamente promove o desenvolvimeto funccional dos sentidos, pontes naturaes de communicacão do homem com o mundo exterior.

Outra conclusão, que tambem facilmente se tirará do exposto, é que, de Fröbel a Montessori, não ha innovações, no sentido revolucionario do termo, mas evolução, a mesma que vae dum empirismo genial ás conclusões racionaes do espirito scientifico.

*

As qualidades e vantagens do methodo "Montessori" não estão por demonstrar.

Surgido na Italia, em pouco annos invadiu os Estados Unidos, onde se generalizou a ponto de funcționarem lá, além de innumeradas *Case dei Bambini*, varias escolas normaes para professoras montessorianas.

Dos Estados Unidos irradiou o movimento para a Inglaterra, Hespanha, França e Portugal, não se lhe conservando estranho o proprio Brasil.

CORYNTHO DA FONSECA.

Para as crianças dez bons conselhos
não valem um bom exemplo.



LIÇÕES PRÁTICAS

ARITHMETICA

Toda lição de Arithmetica deveria começar com problemas oraes, calculos mentaes, recordando lições anteriores á medida que a classe fôsse encaminhada para a lição do dia.

Professor. — Venha ao quadro-negro, Alvaro. Tome a regua e trace uma linha que tenha *cinco decímetros* de comprimento, marcando nella os decímetros.

Alumno. — (*Traçando.*) Tem certinho os *cinco decímetros*.

P. — Pedro, venha fazer um quadrado, aproveitando essa linha que o Alvaro traçou.

A. — Os outros tres lados do quadrado tambem hão de ter cinco decímetros.

A. — Ah!... já se sabe, sinão não seria um quadrado!

P. — Marque os decímetros em todas as quatro linhas.

A. — Estão marcados.

P. — Agora, quadricule o quadrado, seguindo as marcas.

A. — Parece uma taboa de jogar xadrez.

A. — Ou para jogo de damas.

P. — Quantos quadrados grandes tinhamos?

A. — Um, com cinco decímetros, em cada um dos lados.

P. — Quantos quadrados pequenos?

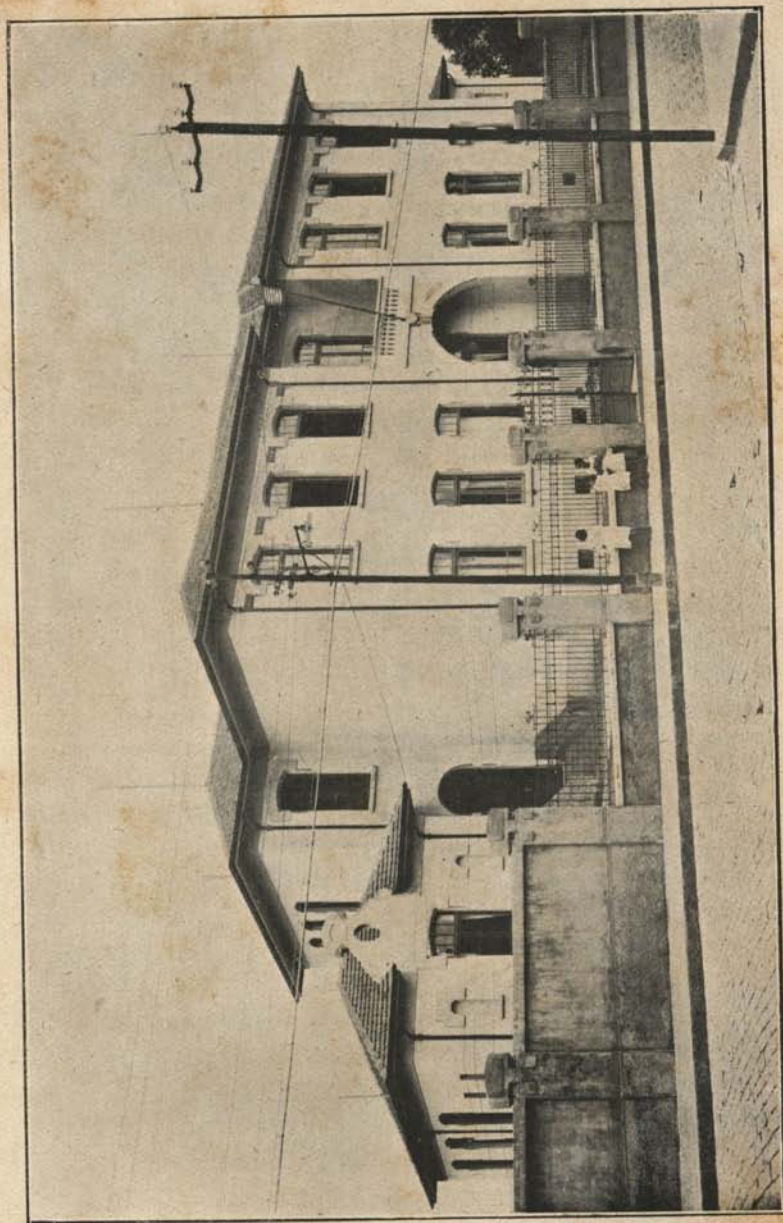
A. — Só contando-os.

A. — Eu sei: *são vinte e cinco.*

P. — Esses *vinete e cinco decímetros*, que figuras formam?

A. — Formam vinte e cinco quadradinhos.

P. — Então, são *vinete e cinco decímetros* quadrados.



GRUPO ESCOLAR "CONDE DE PARNAÍBA," EM JUNDIAHY

S. Paulo — Brasil

Façam agora a mesma coisa nos seus papeis, mas, em vez de *decímetros*, tracem *centímetros*, porque os papeis são pequenos.

A. — O meu xadrez está prompto.

A. — *Cinco centímetros* de base e outros *cinco* de altura; ao todo são *vinte e cinco centímetros quadrados*.

P. — Virem agora os papeis e tracem nelles uma linha.

A. — De que comprimento?

P. — Do comprimento que quizerem, com tanto que não deixem o vizinho vêr, nem saber. E' um *segredo*. Tracem as linhas marcando os centímetros. (*Essa especie de "segredo" agrada immenso. Ver-se-ão os alumnos, muito attentos, para que ninguém saiba de que comprimento é a sua linha.*)

— Agora, todos os lapis nas carteiras, papeis virados com o *segredo* para baixo.

A. — Só eu, o lapis e a carteira, sabemos o comprimento da linha taçada.

P. — Sobre essa *linha segredo*, todos tracem um quadrado.

Espere, Mario; com o lapis, não. Eu não disse: "lapis nas carteiras?"

A. — Desculpe-me. Eu estava com tanta pressa! Queria sêr o primeiro!

P. — Cada um de vocês imagine traçar sobre a sua linha um quadrado; *imagine* sómente esse quadrado.

A. — Um quadrado *imaginario*?

P. — Sim: um quadrado *imaginario*. Attenção! A' medida que tiverem traçado o quadrado *imaginario*, e contado o numero de centimétras quadrados que elle contém, vão dando signal com as mãos.

A. — Prompto!

P. — Ninguém levante as mãos, sem ter feito a conta, sem saber bem certo quantos centímetros quadrados tem o quadrado *imaginario* sobre a linha de *segredo*.

(*Quando todas, ou a maioria das mãos, estiverem levantadas, o professor continuará.*)

— Renato, quantos centímetros quadrados fez você sobre a sua linha?

A. — O meu quadrado *imaginario* tem 49 *centimetros quadrados*.

P. — Vejamos quem poderá adivinhar agora quantos centimetros de comprimento tem a linha sobre a qual Renato fez seu quadrado?

A. — Eu sei!

A. — Eu sei!

P. — Diga você, Paulo.

A. — A linha do Renato mede 7 *centimetros*.

P. — Muito bem! Vire o seu papel, Renato. Vamos verificar.

A. — Está certo; confere.

P. — Francisco, o seu quadrado quantos centimetros tem?

A. — O meu tem 100 *centimetros quadrados*.

P. — Que comprimento terá a linha?

A. — A linha sobre a qual Francisco imaginou o quadrado tem 10 *centimetros*.

A. — (Virando o papel.) Exacto.

P. — No quadro-negro fizemos um quadrado sobre *cinco decimetros*. Vou escrever isso. (Escreve.) 5 *quadrado*, ou o *quadrado* de $5 = 25$.

Venha você, Carlos, escrever o quadrado da sua linha.

A. — (Escrevendo.) O quadrado de $8 = 64$.

(*Varios alumnos escreverão por extenso os seus quadrados.*)

P. — Vocês todos já ouviram falar em *tachygraphia*? Não ouviram?

A. — Eu já ouvi, mas não sei o que é.

P. — E' a arte de escrever quasi tão rapidamente como se fala.

A. — E' como fazemos quando escrevemos algarismos.

A. — Si fossemos escrever os numeros por extenso, com letras, levariamos muito tempo.

P. — Pois vamos usar uma especie de *tachygraphia*. Em vez de escrever por extenso o quadrado de cinco, escreveremos:

$$5^2 = 25.$$

$$8^2 = 64.$$

A. — Aquelle *doisinho* é que indica o quadrado, não é?

P. — Sim, e elle vae sempre em cima e á direita do outro numero.

Venha, Augusto, escrever o quadrado de 12.

A. — (Escrevendo.) $12^2 = 144$.

P. — Qual é o numero que, quadrado, dá 9?

A. — *Tres*.

P. — Que numero é que, sendo quadrado, dá 16?

A. — E' 4. Esse era o numero que marcava o comprimento da minha linha.

P. — Vejam como se leva tempo para perguntar: *Qual é o numero que quadrado dá oitenta e um?*

A. — Leva mesmo!

P. — Não seria bom si pudessemos aqui tambem usar da nossa *tachygraphia*?

A. — Seria, sim!

P. — (Escreve.) $\sqrt{81} = 9$. Assim é que se escreve abreviadamente.

A. — (Lendo.) O numero que, quadrado, dá 81, é 9.

P. — Tambem se diz: a *raiz quadrada* de 81 é 9.

A. — Posso escrever?

P. — Sim, com tanto que você saiba a resposta.

A. — (Escreve.) $\sqrt{4} = 2$.

P. — Leia o que você escreveu.

A. — O numero que, quadrado, da 2, é 4.

P. — De que outro modo póde lêr?

A. — A raiz quadrada de 4 é 2.

(Muitos exemplos serão escritos e lidos.)



GEOGRAPHIA

CONHECIMENTOS GERAES SOBRE A ASIA

Ensine o professor este ponto do programma, nunca dispensando o mappa.

— Vamos continuar o nosso estudo de Geographia. Trataremos hoje da Asia. Veja, Arthur, a que continente ella está ligada.

— Muito bem, é isso mesmo: A Asia está ligada á Europa e com ella fórma... o quê? Quem sabe? Diga, Cesar.

— Sim. Fórma o Continente Antigo. Agora, prestem muita attenção. A Asia estava tambem ligada á Africa, mas, com a abertura do Canal de Suez, como vêem aqui no mappa, ficou separada, formando a Africa, sózinha, um continente.

Quem póde me dizer o nome desse continente?

— Bravos, Mario! Disse bem: Continente Africano. Vejamos o que vocês notam na Asia.

— Exactamente, Antonio: as costas da Asia são muito irregulares.

Que mais vocês observam?

— Bem observado, Luiz: a Asia é banhada por diversos mares e é tambem muito montanhosa.

Leia, aqui no mappa, Henrique, os nomes dos mares e oceanos que banham a Asia.

— Perfeitamente. Temos, então, o Mar Vermelho, o Mediterraneo, o Mar das Indias, o Mar da China, o Oceano Pacifico, o Mar do Japão, o de Behring, o de Kara e o Oceano Glacial Arctico... Joaquim, veja o que mais se encontra nas costas da Asia.

— Sim: encontram-se golfos, ilhas e peninsulas.

Venha ao mappa, Nero, e vá lendo os nomes dos golfos, ilhas e peninsulas mais importantes, que eu fôr apontando.

— Muito bem! Temos, então, o Golfo Persico; o de Oman, o de Bengala, e as peninsulas de Malaca, Arabia, Hindostão, Indo-China; as ilhas de Ceylão, Maldivas, Yeso, Nippon, e outras que formam o Japão.

Vamos agora vêr o centro da Asia, ou a Asia Central.

Examine o mappa, Carlito, e diga-nos alguma coisa.

— Diz bem, Carlito. Na Asia encontram-se muitos rios, montanhas, planaltos e vulcões.

Venha ao mappa, Agrippino, e vá lendo os nomes que eu fôr apontando.

— Então, vimos que a Asia possúe montanhas elevadas, como os Montes Uraes, o Caucaso, o Himalaya, que é a serra mais alta do globo etc.

Vejamos, agora, os principaes rios da Asia. Quem vae indicá-los é o Roberto.

— Você indicou-os muito bem, Roberto. Os principaes rios são: o Obi, o Amur, o Azul, que é o maior da Asia, o Ganges, o Euphrates, o Tigre etc.

Venha ao mappa, Osorio, e vá lendo os nomes dos principaes paizes da Asia, e mostrando as suas posições relativas e as suas capitães.

— Muito bem! Então, vocês viram que os principaes paizes da Asia são: Japão, capital Tokio; Hindostão ou India, capital Calcutá; China, capital Pekin; Persia, capital Teheran; Arabia, capital Mecca; Indo-China, Afghaniistão, Turquestão, Russia Asiatica, Turquia Asiatica etc.

Acabámos de fazer um ligeiro estudo da Asia. Noutra aula, continuaremos esse estudo.

LINGUAGEM

DERIVAÇÃO DE PALAVRAS — SUFFIXOS

Este exercicio familiariza os alumnos com novas palavras, fixando-lhes a significação, e enriquecendo-lhes o vocabulario.

Professor. — Attenção, todos! Que parte do vegetal serve de base á planta?

Alumno. — A raiz. E' ella que firma a planta na terra.

P. — Muito bem! . . . Pois as palavras, os vocabulos, assim como as plantas, têm uma especie de *raiz*, têm uma parte que firma a sua significação.

A. — Mas, a raiz das palavras não está occulta, como a das plantas, está?

P. — Não. E' até a parte mais clara, a parte essencial da palavra.

Escreva, Mario, no quadro-negro, a palavra *livro*.

A. — (Escrevendo.) Fiz uma letrinha bem feitinha!

P. — Que entende você, quando lê ou quando ouve a palavra *livro*?

A. — E' o nome dum objecto, onde se póde lêr.

A. — E' uma reunião de folhas impressas.

P. — Que outras palavras conhecem vocês, parecidas com a palavra *livro*?

A. — *Livraria*.

P. — Vão escrevendo, embaixo de *livro*, as palavras que eu fôr pedindo. Mario, outra palavra parecida com *livro*?

A. — *Livreiro*.

A. — *Livrinho*.

A. — *Livreco*.

A. — E é só.

P. — Ainda ha *livreto*, *livrorio*, e outras menos usadas.

Essas palavras, que acabámos de escrever no quadro-negro, formam o que chamamos uma *familia de palavras*.

As pessoas duma familia não se parecem, mais ou menos?

A. — Parecem-se. Lá em casa somos todos muito parecidos uns com os outros.

P. — Pois as palavras duma familia são ainda mais parecidas do que as pessoas. Todas as palavras dessa familia que acabámos de vêr, se parecem com a palavra *livro*, não se parecem?

A. — Sim, todas começam com *livr*.

P. — Parecem-se não só na fórma, como na *significação*. Quasi todas trazem á mente a mesma idéa: — *reunião de folhas impressas*.

A. — Todas têm alguma coisa que vê com *livro*.

P. — Exactamente. Essa parte *livr*, que não varia, que está firme como a raiz duma planta, e sustenta a *fôrma* e a *significação* da palavra é a parte considerada como *raiz*.

A. — Que interessante, as palavras também terem raiz!

P. — Essa raiz das palavras é chamada *radical* ou *thema*.

A. — *Raiz* é mais fácil de lembrar.

A. — Será que as palavras também têm flôres e frutos?

P. — Têm, sim, umas *flôres* e *frutos* particulares. Hoje trataremos só dos *frutos*, deixando as *flôres* para um outro dia.

A. — Será que os *frutos* das palavras são tão gostosos como os dos pomares?

P. — São tão variados quanto os *frutos* de verdade.

A. — Alguns são doces.

A. — Outros meio azedinhos.

P. — Vamos vêr. Os *frutos* das palavras variam em significação. Essa significação é o seu *gosto*, o seu *sabor*.

A. — E onde estão os *frutos* das palavras?

P. — No fim. O fruto não é a ultima parte do vegetal a se desenvolver?

A. — E' mesmo!

P. — Carlos, vá ao quadro-negro e gryphe o *radical* de toda essa familia de palavras que estamos estudando.

A. — (Gryphando.) Sempre *livr*.

P. — Na primeira palavra — *livraria*, o que ficou sem gryphar?

A. — Ficou *aria*.

P. — Essa é a tal *fruta*.

A. — Que gosto tem essa *fruta*?

P. — Dissemos que o gosto era a *significação*, não foi? Pois, *aria* significa *collecção*, *porção*.

A. — E' mesmo: *livraria* é uma *porção* de livros.

P. — Veja, Luiz, si você acha outra palavra com essa *fruta*, com a *terminação* — *aria*.

A. — Cavallaria.

A. — Rouparia.

P. — *Aria* quer dizer *porção*, mas não é só *aria* que tem essa significação: *ada*, *edo*, *al*, *agem* e uma *porção* doutras terminações também têm a mesma significação de *aria*.

Vejamos uma palavra acabada em *ada*, Paulo.

A. — *Boiada*, uma *porção* de bois.

P. — Em *edo*, José?

A. — *Arvoredo*, uma *porção* de arvores.

P. — Muito bem. Agora, em *al*, Julio.

A. — *Laranjal*.

P. — E em *agem*, Mario?

A. — *Plumagem*.

P. — Então, todas as vezes que encontrarem essas terminações, esses *suffixos*, que é como devemos chamal-as, já sabem que significam... o quê?

A. — *Muitos*, *porção*.

P. — Qual é a seguinte palavra da nossa família?

A. — *Embaixo* de *livraria*, vem *livreiro*.

P. — Qual é o *thema* ou *radical*?

A. — O mesmo — *livr*.

P. — E o *suffixo*?

A. — O *suffixo* é *eiro*.

P. — Que é *livreiro*?

A. — E' o homem que vende livros.

P. — O *suffixo eiro*, assim como *ario*, *nte*, *dor* e *tor* significam o *agente*.... Vejamos si me dão alguns exemplos.

A. — *Vendeiro*, *hoteleiro*.

A. — *Boticario*, *operario*.

A. — *Negociante*, *presidente*.

A. — *Vendedor*, *escritor*.

A. — Eu gosto de achar palavras acabando com um certo *suffixo*.

A. — E eu gosto de dizer: *vendeiro* — homem que vende; *presidente* — homem que preside.

P. — Muito bem! Vejo que estão compreendendo a lição. Mas, basta, sinão não chegaremos ao fim da nossa família... Qual é a palavra que segue?

A. — A seguinte palavra é — *livrinho*.

P. — O thema, já sabem.

A. — E' *livr.* E o suffixo é *inho*.

P. — Bravo, Mario! E o que quer dizer *livrinho*?

A. — Livro pequeno.

P. — Então, já sabem que *inho* é um suffixo que significa *diminuição*...

A. — *Livrinho* — livro pequeno. *Cavallinho* — cavallo pequeno.

P. — Ha muitos outros suffixos, que indicam diminuição. Vou dar alguns: *ote*, *ito*, *ilha*, *zinho*.

A. — Posso dar exemplo de todos?

P. — Sim, na ordem em que estão escritos.

A. — *Filhote* — filho pequeno; *canito* — cão pequeno; *ilhota* — ilha pequena; *cartilha* — carta pequena; *flôrzinha* — flôr pequena.

P. — Ha suffixos que significam augmento. Como diremos, por exemplo, referindo-nos a um rapaz grande?

A. — *Rapagão*.

P. — Os suffixos: *ão*, *rão* e *zarrão* são os principaes suffixos de augmento.

A. — Agora, sou eu: *Portão*, *casarão*, *homemzarrão*.

P. — Alguns suffixos ha que trazem a idéa de pouco caso, como, por exemplo, *eco*, *orio*.

A. — *Livreco* e *livrorio*.

P. — Um diminue a significação da palavra e o outro augmenta, mas ambos com idéa de ridicularizar.

Muitos são os suffixos que ficaram por estudar, uns significando *systema*; outros, *estado*; outros, *profissão*; outros, *acção* etc.

Havemos de estudal-os noutra aula.

ZOOLOGIA

OS ROEDORES

Deve-se cultivar na criança o habito de perguntar, de conversar sobre a lição, tendo-se, porém, o cuidado de evitar que a conversação se transforme em digressões.

Professor. — A's vezes, quando nossa casa está silenciosa, si nos acharmos bem proximos da despensa, vemos um animalzinho passar correndo, tão depressa, que mal podemos observalo...

A. — E' um rato...

A. — Só quando o caçamos na ratoeira, é que podemos vê-lo de perto.

A. — Mas, ha um animal que o percebe de longe.

A. — E' o gato.

A. — O meu cachorro, que é rateiro, tambem percebe os ratos de muito longe e não deixa escapar um só! Outro dia, elle passou horas e horas junto dum buraco, á espera dum rato.

A. — Tambem o meu...

P. — Sim, sim, mas agora chega de historias de cachorros rateiros. Vamos vêr quem me responde á seguinte pergunta: — Porque será que o rato foge tão ligeiro?

A. — Porque elle é medroso. Tem medo de sêr pegado.

P. — Si tem medo, porque não fica escondido, lá na sua toca?

A. — Vem procurar comida.

A. — Vem comer nosso queijo, pão, biscoitos etc.

A. — Os ratos comem e estragam tudo o que encontram. Até a madeira elles estragam.

P. — Como sabe você que os ratos estragam a madeira?

A. — Porque ella fica toda marcada pelos seus dentes; fica toda roida.

P. — E' esse o modo caracteristico dos ratos comerem; comem roendo.

A. — Devem ter dentes bem resistentes para 'comerem coisas tão duras, sem quebral-os!

P. — Os seus dentes não se quebram, mas gastam-se; vão também crescendo á medida que se vão gastando.

A. — Como nossas unhas e nossos cabellos?

P. — Justamente. (Mostrando a gravura da dentição dos roedores.) Aqui temos os dentes dum rato.

A. — Que dentes interessantes!

A. — Os da frente têm o feitio dum formão.

A. — Dois incisivos na frente, em cada maxillar, depois um espaço vazio, e os molares atraz.

A. — Os ratos não têm dentes caninos?

P. — Não têm. Esse espaço, onde não ha dentes, chama-se *barra*.

A. — Não tendo caninos, os incisivos e molares precisam trabalhar dobrado.

A. — Como são grandes os incisivos!

P. — Grandes e providos de esmalte sómente na face anterior.

A. — E' com os incisivos que os ratos roem?

P. — Sim, e esses dentes são bem cortantes. A mastigação desses animaes apresenta outra particularidade. O seu maxillar inferior só tem facilidade em mover-se de deante para traz e vice-versa.

A. — Então, não se move de baixo para cima, como o nosso?

P. — Não: vae e vem como uma lima, auxiliado pelas sa-liencias de esmalte encontradas nos molares.

A. — Não é só o rato que come roendo.

P. — Sim, ha outros animaes que comem assim. O rato e todos os animaes que comem roendo, formam uma ordem chamada dos *roedores*.

A. — Todos têm dentes que crescem?

P. — Todos; nuns crescem mais; noutros, menos. Muitos delles andam aos saltos.

A. — E' engraçado vêr os ratos sentarem-se para comer!

P. — Alguns roedores levam o alimento á boca, com as patas deanteiras.

A. — Os esquilos fazem isso muito bem. Eu já os vi, em gravuras.

A. — Os ratos têm barbas como o seu inimigo o gato.

A. — O rato tem unhas fortes.

P. — Todos os roedores têm unhas fortes, que lhes facilitam trepar e esgaravatar.

Que outros roedores conhecem vocês?

A. — O camondongo.

A. — O coelho.

A. — A lebre.

A. — A cobaia ou porquinho da India.

P. — Qual é outro, que conhecem?

A. — Eu não conheço mais nenhum.

P. — O esquilo, de que um de vocês já falou, o castor, o coati, o porco-espinho, a paca etc., são roedores.

A. — O porco-espinho é bem differente do castor.

P. — Bem differente, mesmo: o porco-espinho pôde viver muito tempo sem tomar agua, e o castor precisa muito della.

A. — E no entanto pertencem á mesma ordem; os dois comem roendo, são *roedores*.

P. — As casas dos roedores tambem são differentes. O esquilo, o rato, o coelho etc. fazem ninhos nos quaes criam a sua prôle; outros vivem em buracos na terra. Um roedor ha que gosta muito de nadar, e por isso edifica sua casa perto dos rios. Qual é?

A. — Eu sei. E' o castor.

A. — Os castores vivem em bandos.

P. — Chegam mesmo a formar povoações de castores.

Vejam, aqui esta figura. Representa uma capivara que é o maior dos roedores. Vive em nossos rios, nadando admiravelmente. Presta grandes serviços, comendo a vegetação que cresce nos fundos dos rios, e assim desimpedindo-os á navegação.

A. — Ainda bem que esse roedor seja util!

P. — Não só esse, como muitos outros.

A. — E' verdade: o coelho, a lebre, a capivara etc., nos dão boa carne.

A. — E o castor nos dá excellente pello para chapéos, como o senhor já nos disse.

P. — Muito bem. Póde-se dizer que quasi todos os roedores são uteis, uns pela sua pelle, outros pela sua carne, e outros ainda, por ambas as coisas.

HISTORIA DO BRASIL

OS GOVERNADORES

THOMÉ DE SOUZA

Fazendo uso do maior numero possivel de gravuras, com linguagem simples e intuitiva, o professor irá ensinando ás crianças brasileiras a historia desta grande Patria.

— Vocês já sabem, pelas lições anteriores, que, descoberto o nosso Brasil, tratou o rei de Portugal de colonizal-o. Para isso, que fez elle, Duarte? Sabe? Lembra-se?

— Sim, exactamente: dividiu o Brasil em *capitanias* e doou-as a portuguezes, que recebiam o titulo de *capitão-mór*. Esse systema de colonização deu bons resultados, Diogo?

— Não deu, me diz você. Respondeu muito bem. D. João III, percebeu logo que a divisão do Brasil em capitanias não trazia nenhuma vantagem pratica.

— Que fez, o governo portuguez, professor?

— Já respondo, pois nossa nova lição vae tratar justamente desse ponto. Prestem muita attenção.

D. João III creou um *governo-geral* no Brasil, e nomeou para exercer o cargo de *governador-geral*, durante quatro annos, o portuguez Thomé de Souza, homem culto, honesto e energico.

Vejam, aqui nesta gravura, o retrato de Thomé de Souza.

O primeiro governador do Brasil chegou á Bahia, a 29 de março de 1549, trazendo comsigo 600 homens armados, 400 degredados para trabalharem na lavoura, diversos auxiliares de administração e muitos jesuitas chefiados pelo padre Manoel da Nobrega...

— Esse retrato que ali está, é de Manoel da Nobrega, professor?

— Justamente, é esse mesmo.

— E para que veio Manoel da Nobrega ao Brasil?

— Para educar os selvagens, José, e instruil-os na religião catholica.

— E o governo de Thomé de Souza trouxe beneficios ao Brasil?

— Muitos, Luiz. Thomé de Souza fundou a cidade de S. Salvador, que é hoje, como vocês sabem, a capital do estado... de que estado mesmo?

— Muito bem, Antonio: capital da Bahia.

Em pouco tempo construíram-se as fortificações da cidade, o palacio do governo, a alfandega, a cathedral, o collegio dos jesuitas e muitas casas.

— Você quer saber, José, até quando Thomé de Souza governou?

O seu governo teminou em 1853, em que elle partiu para Portugal. Seu successor foi Duarte da Costa, de quem falaremos na proxima aula.



HYGIENE

AGENTES E MODOS DE PROPAGAÇÃO DAS DOENÇAS
CONTAGIOSAS

Muito bem, disse Leibnitz: "Duas coisas devem servir de fôto ás nossas preocupações: a virtude e a saude." Kehl entende que "a criança é de boa doutrina; deve crescer adquirindo, dia a dia, novos conhecimentos, principalmente de hygiene, educando-se na sua pratica, afim de não se expôr, ennu- blada pela ignorancia, ás investidas constantes dos males, sem saber como delles se defender."

A presente lição deve sêr ministrada á classe, fazendo o professor uso das gravuras distribuidas pelo "Instituto de Hygiene."

— Já estudámos aqui muitas molestias contagiosas, por isso quero vêr si algum de vocês é capaz de me dizer os nomes dalgumas. Quem quer falar? Fale você, Renato?

— Muito bem. Então, a tuberculose, a lepra, a varíola, a febre typhoide, a peste bubonica, e outras, são molestias contagiosas. E porque? Quem me diz?

— Bravo, Raul! Respondeu muito bem. São contagiosas porque se transmittem por meio de microbios. Quaes então os cuidados hygienicos que devemos tomar contra ellas?

— (?)

— Vejam aqui esta gravura. Que representa ella, Oscar?

— Sim. Um homem doente, muito magro, que está tossindo sem levar o lenço á boca. Evitem as pessoas que procedem assim, pois os perdigotos expellidos pelos doentes, ao falar, tossir, ou espirrar, transmittem o germen das molestias... E este quadro aqui, Alvaro, que representa?

— Perfeitamente. Aqui está um homem muito pallido, magro; é um tuberculoso, que escarra no chão. Os bacillos que esses escarros contêm, são levados pela poeira ao nosso orga-

nismo, aos nossos pulmões. Não se deve pois, cuspir no chão... Vejam esta outra figura. Que é que você vê aqui, Orlando?

— Sim: uma coisa muito feia, um menino com as mãos todas sujas. As mãos sujas podem conter microbios que nos transmitem a tuberculose, a gripe, a febre typhoide etc.

Sempre, pois, que chegarem da rua, devem lavar as mãos; o mesmo devem fazer ao sairem da privada e antes das refeições. A mão limpa, como estão vendo, aqui nesta figura, representa a saúde, a vida; a mão suja, pelo contrario, vejam, representa todas as doenças contagiosas e infecciosas.

Que quadro é este outro, Pedro?

— Muito bem. Elle representa um menino bebendo agua fervida e filtrada; é um menino gordo, alegre e corado. Ao lado vê-se um rio de aguas muito escuras, e em suas margens vêem-se muitas crianças, pallidas e magras. Este quadro, meus amiguinhos, quer dizer que só devemos beber agua fervida e filtrada, pois a agua das nascentes, dos pôços, dos rios, são contaminadas pelas fezes lançadas ao sólo, pelo despejo das habitações ribeirinhas, pelos esgotos da cidade; é uma agua transmissora de febre typhoide, dysenterias etc.

Que lindo quadro este, não? Que é que você está vendo nelle, Alvaro?

— Perfeitamente. Você descreveu bem o quadro. Então, temos aqui uma linda criança, alegre e rosada, ao lado de sua caminha, toda branca, de roupas muito alvas e cortinados côr de rosa, não é assim? Sabem porque precisamos ter a casa, os dormitorios e os leitos muito limpos?

— Você respondeu bem, Alvaro: Os insectos, como os mosquitos, a pulga, a mosca, o percevejo etc., nos transmitem molestias horriveis.

Vejam agora este ultimo quadro. O Prado vae descrevel-o.

— Bravo! Você fez um linda descrição! A gravura representa uma nuvem de pó. No meio della está uma linda casinha, mas que se conserva toda fechada. Assim é que deve sêr,

quando o vento sopra muito e começa a levantâr nuvens de poeira; devemos fugir dellas. A poeira é um vehiculo de tuberculose e doutras doenças.

Bem. Vocês hoje ficaram conhecendo as principaes causas das molestias contagiosas. Ponham sempre em pratica tudo quando aprenderam, si quizerem sêr fortes e sadios.



O mestre não substitue o discipulo na
acção de aprender.



EDUCAÇÃO PHYSICA

JÓGOS COM BÓLAS

Os jogos com bolas são talvez os mais populares e mais apreciados, entre as crianças de todas as edades.

CORRAM TODOS!

Todos os jogadores reúnem-se no meio do recreio, ao redór dum *chefe*, que faz saltar no chão uma bola pequena. Os outros fogem em todas as direcções. Ao pegar a bola, o *chefe* grita: — *Alto!* Os jogadores devem immediatamente parar.

Então, o *chefe* procura acertar a bola em alguém. Si fôr bem succedido, aquelle em quem acertou precisa correr atraz della, e erguel-a, enquanto os companheiros fógem delle.

Assim continúa o brinquedo, até que aquelle que ficou de posse da bola consiga fazel-a bater nalgum companheiro. Si deixar de acertar a bola, voltam todos ao centro, e o *chefe*, que jogou a bola, fal-a-á saltar de novo, assim reiniciando o jogo.



PASSAR A BÓLA

Dois ou mais *teams* formam, em filas parallelas, fazendo frente a um *goal*.

O ultimo de cada fila tem uma bola. A um dado signal, esses ultimos correm, tocam no *goal*, voltam á frente da sua fila

e passam a bóla á rectaguarda, de qualquer modo préviamente convencionado: entre os pés, por cima da cabeça etc. Cada jogador que a fôr recebendo a irá passando para traz, do mesmo modo.

Quando a bóla chegar ao fim da fila, o ultimo jogador corre com ella ao *goal* e passa-a, como antes. E assim por deante.

A fila cujo ultimo jogador primeiro chegar ao *goal* com a bóla, será a fila vencedora.



PEGADOR COM BÓLA

O *pegador* terá uma bóla que não deve sêr muito grande. Procurará acertal-a nos outros companheiros. Qualquer, em quem acertal-a, será o novo *pegador*.

Não ha *piques*: a segurança está em o jogador abaixar-se ou afastar-se para evitar a bóla.

Quando o *pegador* errar a pontaria, o jogador que estiver mais perto da bóla quando esta cair, poderá pegal-a para en-vial-a ao *pegador*, ou então o proprio *pegador* deverá erguel-a.

Este brinquedo torna-se mais animado, si houver 2 ou 3 *pegadores* e, portanto, 2 ou 3 bólas de que fugir.



BOMBARDEIO

Um bom jogo para numero grande de jogadores ou para quando não se quizer estar muito attento a regras de jogo.

Os alumnos são divididos em dois grupos: — *guardas* e *atiradores*. Cada guarda tem uma *clava*, em pé, á sua frente; cada *atirador* tem uma *bóla*.

Os *guardas* conservam-se na sua *linha de goal*, guardando as clavas e devolvendo aos *atiradores* as bólas que lhes vêm perto.

Os *atiradores*, em linha opposta, jogam ou arremessam as bólas procurando fazer cair as clavas dos inimigos. Cada clava que cáe, marca um ponto para o partido contrario, quer tenha sido derrubada pelo inimigo, quer, accidentalmente, pelo proprio *guarda*.

No meio tempo do jogo os *guardas* e *atiradores* mudam de posição.

O jogo consta de 2 meios tempos, de 10 minutos cada um, vencendo o *team* que no fim tiver maior contagem de pontos.

Podem tambem ter clavas e bólas todos os jogadores das duas linhas.

Logo que o jogador dum partido tente derrubar uma clava inimiga, o dono desta clava ou qualquer outro de perto pega a bóla, fazendo-a voltar contra as clavas da linha inimiga. Podem os jogadores atacar qualquer clava, a qualquer momento.

A clava derrubada é considerada fóra do jogo, podendo os donos continuar a pegar bólas e a atacar o outro lado.

Vencerá o ultimo, que tiver a clava de pé.

*
**

CAPITÃO

Os jogadores são divididos em dois *teams*. Cada um compõe-se de: 1 *capitão*, 3 a 5 *pegadores*, um equal numero de *guardas* e 1 ou 2 *corredores*.

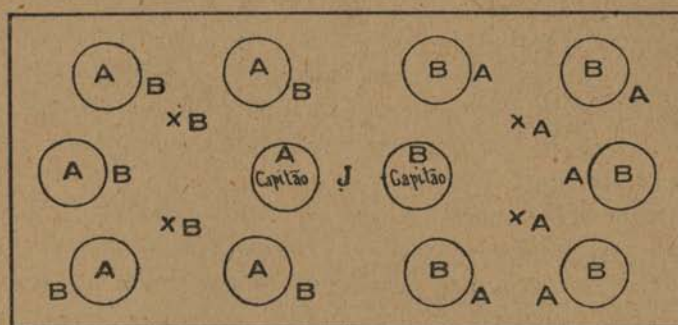
Os *capitães* ficam, face a face, no centro do campo, cujo tamanho depende do numero de jogadores que vão tomar parte no jogo.

Nos circulos, de mais ou menos 1,^m50 de diametro, ficam os *pegadores*, cada um guardado por um *guarda* do *team* opposto. Os *pegadores* do *team B* ficam, por exemplo, no seu proprio campo, mas os *guardas* deste *team* ficam no campo *A*, ao redór dos circulos onde estão os *pegadores A*; e vice-versa.

Os *guardas* podem mover-se á vontade ao redór dos cir-

culos, devendo, entretanto, conservar-se a uma distancia de um metro da circumferencia.

Para começar o jogo, uma bóla é jogada ao ar, pelo juiz estacionado entre os dois capitães.



O capitão que pegal-a, jogal-a-á a um dos seus *corredores* (x no diagramma.) Os *corredores* poderão percorrer todo o campo inimigo. Recebendo a bóla, deverão passal-a a qualquer outro do seu *team*, a um *guarda* ou a um *pegador*.

A bóla precisa passar successivamente pelas mãos de dois *pegadores*, antes de sêr enviada ao capitão.

Um ponto é marcado, quando a bóla chega ao capitão, ou quando faz a volta completa pelos *pegadores*.

E' dever dos *guardas* interceptar qualquer jogo e atirar a bóla para mandal-a através dos seus *guardas* ou *corredores* ás mãos do seu *pegador* mais proximo, para que este a jogue a outro *pegador* que, por sua vez, a enviará ao capitão.

O *team* que primeiro fizer 15 pontos, será o vencedor, ou então o *team* que maior contagem tiver no fim dum determinado tempo.

Quando o numero de jogadores fôr menor, os dois *corredores* poderão passar as bólas e servir de *guardas* tambem.

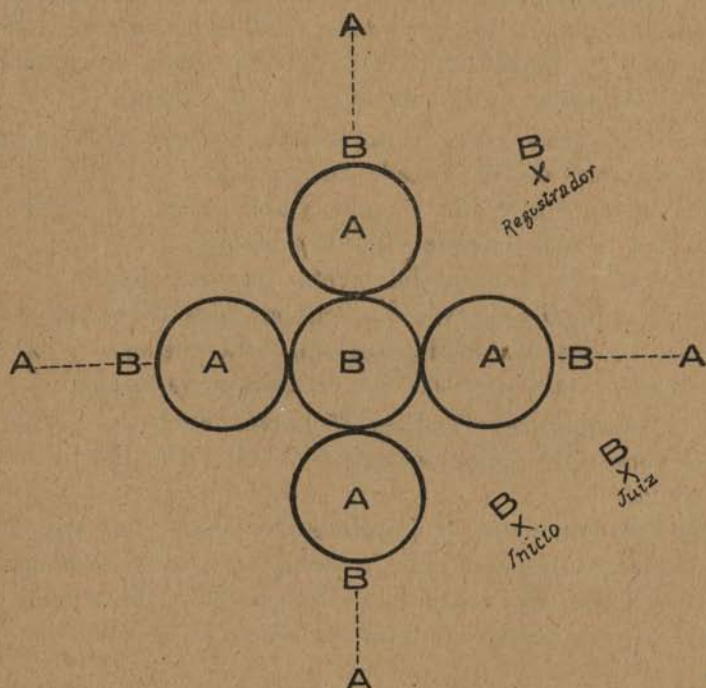
Depois de cada ponto feito, ou cada vez que a bóla cair ao chão, o juiz jogal-a-á novamente ao ar.

CIRCULOS

O circulo interior terá um diametro de 1,^m50, mais ou menos. Os outros serão um pouco menores, tocando uns nos outros.

Os jogadores são divididos em dois *teams* — *A* e *B*. Um jogador de cada um dos *teams*, distante do centro uns 3,^m no lugar indicado no diagramma, joga uma bôla procurando acertal-a no centro do circulo interior. Aquelle que collocar a bôla mais perto do centro começará o jogo.

Supponhamos que *B* foi que acertou. Neste caso, o *team A* collocará jogadores nos circulos exteriores indo um *B* para o centro. Os outros quatro jogadores *A* irão collocar-se a uns 4,^m do centro, na direcção dos circulos exteriores. Estes são os *corredores*.



O jogador *B*, que fica no circulo central, tem que pegar a bóla não a deixando cair no seu circulo. Todas as vezes que pegar a bóla, deverá envia-la ao *B* que iniciou o jogo.

Quando a bóla cair dentro do circulo central, marcará um ponto o *team A*. Depois de cada ponto, o jogo será recommçado.

Tres jogadores do *team B* não tomam parte activa no jogo: um destes servirá de juiz, outro de *registrator*, e um terceiro porá novamente a bóla em campo, toda a vez que um ponto fôr registrado.

Quatro jogadores do *team B* servem de *guardas*, cada um junto a um dos circulos exteriores.

Os *corredores* poderão mover-se em qualquer direcção, conservando-se sempre fóra dos circulos. O mesmo podem fazer os *guardas*, sendo porém conveniente que se conservem junto do *A*, que estão guardando. Os jogadores dos circulos não poderão delles se retirar. Sair dos circulos é *falta*, marcando 1 ponto para o *team* contrario.

Os do partido *A* procuram pegar a bóla; os do partido *B*, rebatel-a.

Quando uma bóla fôr pegada por um *A*, nos circulos, 2 pontos serão marcados para o *team*; quando pegada pelo *B*, central, 1 ponto será marcado.

Em resumo: 2 pontos serão marcados: 1.º ao *team* que inicia o jogo; 2.º ao *team* cujo jogador, num dos circulos exteriores, pegar a bóla.

Um ponto é marcado: 1.º para o *team A*, quando a bóla cair no circulo central não sendo pegada; 2.º para o *team B*, quando o jogador central pegar a bóla; 3.º para os 2 *teams*, quando houver *falta*.

São consideradas *faltas*: 1.º — sairem os jogadores dos seus respectivos circulos; 2.º — entrarem os *guardas* nos circulos; 3.º — pegarem os *guardas* as bólas.

O jogo poderá sêr feito por certo numero de pontos ou por um certo numero de minutos, o que será talvez melhor, revezando então os partidos as posições no meio do tempo.

PEGUE QUEM PUDER!

Um jogador fica de posse da bóla, e os outros espalham-se pelo recreio.

Aquelle joga a bóla contra um qualquer, dizendo: "*Pegue quem puder!*"

Todos correm então a pegar a bóla, e quem conseguir pegal-a será o seguinte a jogar-a. Os outros espalham-se immediatamente para evitar tomar boladas, voltando novamente quando o novo jogador grita: "*Pegue quem puder!*"

E' honra sêr jogador, mas para evitar que fiquem esperando, para poder facilmente pegar a bóla, póde-se estabelecer que sairá do jogo aquelle que pegal-a tres vezes. Quando acontecer que aquelle contra quem é jogada pegue-a nas mãos, elle será o seguinte jogador.



CORTINA

Este brinquedo pede qualquer especie de biombo, ou cortina.

Depois de erguido o biombo, os jogadores, divididos em partidos, alinham-se nos respectivos lados do mesmo.

O brinquedo consiste em jogar por cima do biombo uma bóla, de modo que ella toque no outro lado, o chão do inimigo. Os que estão neste lado procuram impedir que a bóla chegue ao chão.

Os *teams* jogarão alternativamente, sendo que aquelle que fizer um ponto tem de novo direito á bóla.

Todas as vezes que a bóla cair ao chão, o lado que a jogou, marca 1 ponto.

Não ha restricções quanto ao modo de jogar a bóla, e bastante surpresa poderá causar a bóla caindo bem longe do biombo, ou vindo deslizar juntinho delle.



ENTRE PÉS

As crianças fazem ródas, com os pés bem separados. Uma fica no centro e experimenta acertar a bóla entre os pés doutra collega da ródas. Quem deixar a bóla passar, sairá do jogo.

Vencerá o ultimo da ródas.

*
**

RELOGIO

Para este jogo, risca-se no sólo uma circumferencia duns 4 m. de diametro.

No centro, enterra-se uma latinha ou faz-se um buraco, no qual entre, com facilidade, a bóla que se vae usar. Uma bóla de *tennis* é a mais apropriada para este jogo.

Na circumferencia collocam-se pedrinhas representando as horas no mostrador do relógio. Cada jogador terá um pau forte e uma bóla, começando todos o jogo pelo n.º 1. Experimentarão collocar a bóla no centro, com uma só paulada. Quem acertar, terá 1 ponto a seu favor.

No segundo turno, todos começarão pelo n.º 2 e assim, em seguida.



A educação physica deve sêr feita
scientifica e não violentamente.



PEDOLOGIA

A EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(H. BOUQUET. — Trad.)

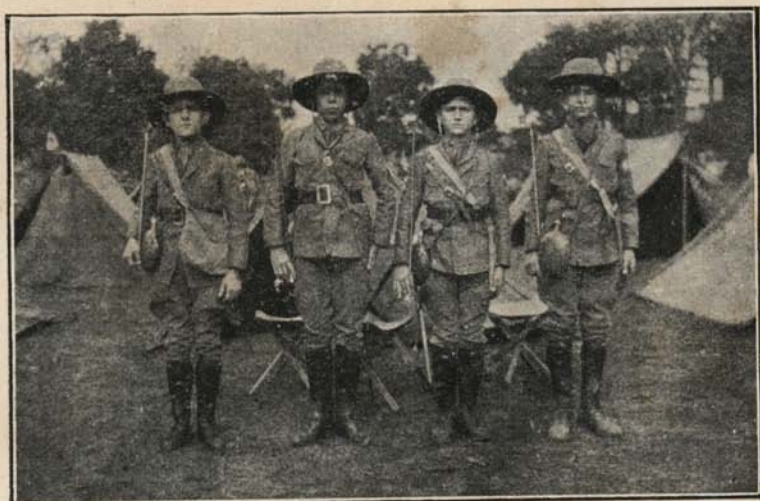
IMITAÇÃO E IMAGINAÇÃO

(Continuação)

Mas, a vida da criança decorrendo principalmente entre folguedos, é ahí que ella applicará a faculdade imitativa de de que é tão bem dotada. Esses folguedos constam, em grande parte, de actos, gestos e scenas que ella observa e retem.

Dahi a reproducção de scenas da vida quotidiana, ás quaes a criança se entregará, brincando, como ella o diz, *de visitas*, *de cozinha*, e sobretudo, *de boneca* etc., etc.

Vejamos o que vem a sêr para a criança (menino ou menina) essa boneca que tanto occupa sua attenção. A principio, não passa dum simples objecto ao qual ella dá importancia apenas pelo seu aspecto agradável, pelo seu colorido, ou porque póde leval-o á boca, mordel-o etc., como costumam fazer com o que está ao alcance de suas mãos. No dia, porém, em que a imitação entra em jogo, isto é, quando ella começa, não sómente a vêr, mas a apreciar, a comprehender o que vê, e, por consequinte, a querer reproduzir, — então a boneca afigura-se-lhe tal como esse sêr pequenino, esse objecto de preoccupações maternas em todas as occasiões e circumstancias da



Grupo de escoteiros graduados, em S. José do Rio Pardo
S. Paulo — Brasil



Acampamento de escoteiros, em S. José do Rio Pardo
S. Paulo — Brasil

vida. Sua boneca assume uma importancia tão consideravel como a da sua propria pequena senhora em relação a seus paes. A criança veste-a, despe-a, acalenta-a, fal-a deitar-se etc., etc, persuadida de sêr o superior de alguém, e esse alguém é sua boneca. Eis a razão da solicitude por esse objecto — solicitude que para alguns parecé a revelação do instincto maternal, mas que, em realidade, não passa duma imitação.

Imitação é ainda o *brinquedo de soldado*, da predilecção do menino. Aqui, a imitação se manifesta provocada pelo aspecto exterior e brilhante da profissão militar, qualidade tão suggestiva para o sêr humano, que até no adulto desempenha um grande papel no seu gosto pelo exercito e pelas suas pompas. E, assim como vemos meninos brincar com bonecas, como o fazem suas irmãs, do mesmo modo veremos estas imitar com prazer os militares, como si fossem seus congeneres masculinos. A proposito, citaremos o caso duma menina que teve uma crise de desespero, ao compreender que não poderia sêr official de marinha, como ardentemente desejava. Vêem-se frequentemente meninas partilhar dos jógos militares de seus irmãos, demonstrando o mesmo ardor que elles.

Entretanto, uma outra faculdade psychica se liga á imitação nos jógos infantis; é a imaginação.

A criança goza dum poder extraordinario de imaginação, que lhe permite, como veremos, viver uma vida como isolada e particular num meio artificial que ella mesma creou e aceitou como o unico real, o unico para ella existente. Entre as suas imitações, a criança imagina, e todos os actos imitados apresentam-se-lhe numa tela sobre a qual a sua imaginação borda ornamentos multiplos e maravilhas que vão compôr o meio artificial onde ella se move com a mais perfeita naturalidade.

Da intervenção da imaginação em todos os actos da vida da criança, temos prôva em seus jógos aos quaes é preciso sempre recorrer, quando queremos ter uma idéa justa da mentalidade infantil, pois que elles traduzem com clareza a sua vida intellectiva. Vejamos os brinquedos da criança. A qual delles, entre tantos companheiros de todos os dias, ella dá preferencia?

Aos mais bellos, aos mais brilhantes, aos mais complicados? Não. Quasi sempre ao mais grosseiro, ao mais primitivo. E isto porque sua imaginação lhe mostra nesse brinquedo a personagem que ella ahi vê, e por isso elle será realmente o mais bello, pois é sua criação que o reveste em sua imaginação de todas as qualidades que faltam aos nossos olhos e que se apresentam aos seus em gráo superior.



A obscuridade é o reino do erro.



LIÇÕES DE COISAS

NOZES

— Você, Pedro, achou esquisito o Mario dizer que a avellã é uma noz pequena? Então, para você, ha uma só especie de nozes? Qual é essa que você conhece?

— Sim, a que vem da nogueira, não ha duvida, mas dá-se tambem o nome de *nozes* ás sementes de certos frutos, cuja amen-doa vêm envolvida por uma capsula muito resistente e geralmente fibrosa. Vocês mesmos vão me dar exemplos. Qual é a maior noz que você conhece, José?

— Sim, o *côco* é uma noz bem grande, ainda que não seja a maior...

— Tem razão, Mario. Ha uma variedade enorme de côcos. E onde crescem as palmeiras que produzem esses côcos?

— Exactamente: ellas são abundantes ao longo das praias do norte do Brasil. Mas, os côcos não são as unicas nozes de que se póde ufanar o norte do Brasil: o cacau, a sapucaia e a castanha do Pará são algumas das muitas especies de nozes que abundam nessa região.

— Você, Julio, diz que não conhece as outras duas, a *sapucaia* e a *castanha do Pará*? Não admira. Muita gente ha em nossa terra que não conhece as nossas riquezas.

— Quer saber, Alberto, que fórma tem essa castanha? (Mostrando castanhas do Pará.) Aqui está uma dessas castanhas. Crescem em arvores gigantescas, na região amazonica. Ellas crescem em numero de 20 ou mais, num envulcro que fórma o fruto.

— Vou agora mostrar-lhes a sapucaia. (Mostrando.) Esta é uma noz ainda menos conhecida que a *castanha do Pará*. E' tambem de formato esquisito.

— Sim, o seu fruto parece uma urna, que se abre aqui, por esta especie de tampinha, e dentro estão as nozes...

— Estas são nossas nozes. A avellã, a noz propriamente dita, a amendoa, a noz-moscada, a castanha, a noz da faia, o pistacio etc., são estrangeiras.

— Vou responder á sua pergunta, Alfredo. Algumas destas crescem bem aqui, mas o Brasil não é a sua terra de origem.

O CORAL

Alumna. — A senhora já reparou como são bonitos os brincos novos da Maria?

A. — Foi meu padrinho que m'os deu de presente.

Professora. — Realmente: são muitos bonitos! O que de certo nem Maria, nem vocês sabem, é que a substancia côr de rosa desses brincos, é substancia animal.

A. — Animal?! Ah!... então eu não gostaria de usar taes brincos!

P. — Como? Pois, vocês não andam com pelles de raposas e doutros animaes, no pescoço?

A. — Esses brincos são de *coral*, não são?

P. — Exactamente: são de *coral*.

A. — Então o *coral* é um animal?

P. — Sim. O que chamamos *coral* é realmente a reunião dos esqueletos, por assim dizer, de milhares de animaes pequeninos, mas muito pequeninos.

A. — Interessante! Até isso serve de enfeite!

A. — Pois os indios não usavam enfeites de ossos?

A. — Tomara eu ganhar uns brincos como os de Maria!...

P. — Bem; muita atenção, agora, pois vão ouvir a historia do coral. Nas costas do Mediterraneo e ao largo do Oceano Pacifico, ha um grupo de ilhotas, quasi que em fórma anelar.

A. — Fóрма de anel, não é?

P. — Sim. Durante muito tempo, ninguem sabia o que eram, e muito menos do que eram feitas as taes ilhas.

A. — De coral, não é?

A. — Imaginem que riqueza! Quantos brincos!

P. — Atenção! Hoje sabemos que essas ilhas são formadas das partes duras de innumerous animaezinhos chamados *polyps*. Vejam esta gravura, que representa uma dessas ilhas.

A. — Crescem quasi como as esponjas!

P. — Bem observado, Leonor! São os proprios animaezinhos, que segregam a substancia calcarea de que é formada o coral.

A. — Quantos animaes não são precisos para formar uma dessas ilhas, não?

P. — Cada ilha que se fórma, representa milhões e milhões de animaes mortos.

A. — Às vezes, o coral parece um galho de arvore, como se vê nesta figura, não é?

P. — Exactamente. Examinem todas a figura que Luiza está mostrando. O coral tambem varia de côr.

A. — Eu só conheço o coral côr de rosa.

P. — Mas, ha coraes de differentes tons, desde o vermelho bem carregado, até o branco.

A. — O branco não deve sêr tão bonito.

P. — Não é mesmo, mas é mais raro, e por isso, mais caro.

A. — E como é que procedem para obter o coral?

P. — Póde-se dizer que o coral é pescado.

A. — Com rêde ou com anzol?

P. — Com rêde.

A. — E como fazem para pescal-o?

P. — Deitam ao mar, junto á ilha de coral, um apparelho formado de barras de ferro cruzadas. Essas barras devem descer na posição horizontal.

A. — E a rêde?

P. — Presa ao aparelho, ha uma rêde. As barras por um movimento especial, deslocam-se e cortam o coral, que é recolhido pela rêde.

A. — Mas, não bastaria só o aparelho, sem a rêde?

P. — Não. Si não houvesse rêde, as aguas levariam o coral deslocado.

FONTES THERMAES — AGUAS MINERAES

Professor. — Vejam que lindas gravuras!

Alumno. — Que bonitas aguas!

P. — São fontes de agua.

A. — E' verdade que ha fontes de agua quente, professor?

P. — Sim, Manoel. Essas fontes se encontram em diversas regiões do globo, principalmente nos logares montanhosos. Ellas vêm das profundezas da terra, onde adquirem a temperatura mais ou menos alta, que lhes é propria. Chamam-se *fontes thermaes*.

A. — No Brasil ha fontes thermaes?

P. — Ha as de Poços de Caldas, onde os rheumaticos, os que soffrem de molestias da pelle, e outros doentes, vão procurar allivio aos seus males.

A. — Eu já estive em Poços de Caldas e em Caxambú. As fontes de Caxambú não são thermaes.

P. — As fontes de Caxambú, S. Lourenço, Cambuquira, Lambary, Lyndioia, Pocinhos, Araxá, e doutras localidades do Brasil são fontes de *aguas mineraes* que recebem varios nomes, conforme a sua composição. Assim, temos: *aguas gazosas*, quando contêm muito acido carbonico em estado livre; *sulfurosas*, quando contêm muito hydrogenio sulfuretado e sulfuretos alcalinos, que lhes dão um cheiro de óvos podres; *alcalinas*, que contêm sulfatos de potassio ou de magnézio, que lhes communicam propriedades purgativas; *ferruginosas*, que contêm sulfato ou carbonato de ferro; *silicosas*, que possuem

muita sílica incrustante, que se deposita sobre o sólo na abertura da fonte e petrifica tudo em torno.

A. — E só no Brasil que ha aguas mineraes, professor?

P. — Não, meu pequeno. Na Europa ha muitas. Assim, temos as de Seltz, Vichy, Pulna, Auverne etc.

A. — Para que servem essas aguas?

P. — São empregadas na cura das molestias do estomago, intestinos, rins, figado etc. Além disso, as fontes são situadas em logares montanhosos, dotados dum clima admiravel, que tonifica os pulmões, concorrendo para o completo restabelecimento dos doentes que ahi vão em busca de saude.

CANALIZAÇÃO

(Facilmente poderemos obter vasos communicantes, arranjando vasilhas de formatos diferentes, communicando-se umas com as outras.)

— Você, Julio, me disse ha dias que não podia entender como é que a agua sóbe nos canos, nas torneiras?...

— Sim, Paulo... bem observado! Nos repuxos ainda é mais interessante vêr a agua subir. Pois a razão pela qual a agua sóbe nos canos e nos repuxos, é a mesma. *(Mostrando os vasos communicantes.)*

— Vamos tirar daqui esta rolha e vêr o que acontece.

— Muito bem, Luiz! Parte da agua da vasilha maior passou para os outros vasos.

— Antonio, está admirado por ter a agua ficado á mesma altura em todos os vasos, e Raul diz que isso não póde sêr. Ora, tome, Raul, esta regua e meça a altura a que parou a agua em cada uma das vasilhas.

— Já mediu? Muito bem: achou, então, 0^m,09 de altura em todos os vasos. Isto se dá, porque as supeficies liquidas, nos vasos que se communicam, ficam num mesmo plano horizontal. Porque a agua procura um nivel commum.

(Mostrando á classe uma lata de cujo fundo parte um tubo de borracha, bem comprido, que vae ligar-se a um outro tubo de vidro, terminado em ponta.)

— Para que tudo isto? Você já vae saber, Juvenal. Colloque a lata aqui no alto desta prateleira. Mario, suba numa cadeira e vá enchendo a lata com a agua que Pedro lhe trouxer. Que fizemos nós?

— Exactamente, Alvaro: fizemos uma fonte, um repuxo.

— Agora, vocês já sabem como são feitos os repuxos. E porque foi que a agua que desceu da lata, subiu além do nosso tubo?

— Muito bem! Procurou subir ao nivel da agua da lata. Não conseguiu attingir essa altura, porque encontrou *tres* resistencias: *uma*, das paredes do tubo; *outra*, do ar, e a *terceira*, das gotas do proprio repuxo, caindo sobre a agua que vem subindo.

— Gostei de saber que isto está entendido. Agora, vamos vêr como é que a agua sóbe nos canos, nas torneiras. Quem já reparou onde é que os encanadores collocam as caixas d'agua nas nossas casas?

— E' isso mesmo, José. Sempre, no alto, nos forros das casas.

— E donde virá a agua que enche os nossos depositos?

— Sim, da rua, por meio de canos. Si nós seguirmos esses canos, veremos que elles vêm de *grandes depositos*, *grandes caixas d'agua*.

— Perto de sua casa ha uma caixa d'agua, José? Então, sua casa deve estar collocada em ponto bem alto, pois ahi é que se installam as caixas d'agua. Vejamos agora a utilidade dessas grandes caixas, desses grandes depositos de agua.

— Sim, Arthur, dessas caixas d'agua partem grossos canos os quaes se ramificam trazendo-nos agua ás nossas casas.

— Perfeitamente, Alcides. Na canalização a agua vem pelos canos, e grande parte della vae ás grandes caixas distribuidoras, e dahi, em canos, sóbe até ás caixas de deposito das nossas casas; depois, essa mesma agua torna a descer e a sair pelas torneiras quando abertas.



RESENHA PEDAGOGICA

O ENSINO NO MEXICO

A refórma educativa, que se vae realizando actualmente no Mexico, embóra lenta em sua evolução transformadora, já começa a produzir resultados auspiciosos, integrando as escolas no meio social em que vivem.

Hoje, postos de parte os methodos de imitação rotineira, os processos-modelos, preestabelecidos sob bases geralmente contrarias ao espirito do meio, cada escola apresenta uma caracteristica peculiar segundo a sua organização, suas actividades intellectuaes e manuaes e os meios physicos e sociaes em que se ha collocado.

Até bem pouco as escolas estavam deslocadas e os processos de ensino não obedeciam, o mais das vezes, ás normas scientificas que vêm transformando os velhos methodos pedagogicos, na preocupação constante de dar aos ensino popular uma orientação sã e universal.

A opinião publica formada pelos paes e cidadãos interessados na diffusão do ensino popular, como bem assevera o Orgam Official do "Departamento de Ensino Primario e Normal da Secretaria de Educação Publica," daquelle paiz, se contentava apenas com ter as escolas como o governo entendia. Estas eram do governo, e os paes não tinham nenhuma acção directa no curso de suas actividades, nem mesmo nos meios de ensino.

"Na technica, consistia uma manifestação de progresso, observar no ensino, o quanto possivel, um só methodo, e seguir, á

risca, o mesmo processo estabelecido *a priori* para todos os typos de disciplina. Em meios physicos distinctos, a uniformidade se impunha, apesar das condições differentes que accusavam. No ambiente social e de trabalho, os themas não variavam, e a influencia da escola se dirigia pelo mesmo caminho que se acreditava unico, embóra num meio economico e social distincto."

Eis brevemente expostos os lineamentos da época que precedeu á refórma.

Actualmente, graças aos novos systemas introduzidos, a educação vaé assumindo aspecto bem diverso. A existencia duma infinidade de "Sociedades de Paes" e a constante actividade de que dão próva diariamente, são auspiciosos indicios duma nova era feliz para o ensino publico. Os paes de familia já participam dum modo activo na solução dos problemas educacionaes e a sua cooperação está ajudando a resolver muitos pontos de ordem economica.

Na orientação do ensino, o principal cuidado dos mestres e dos paes, em mutua e directa collaboração, é fazer da educação uma força social transformadora. Assim, cada escola é uma personalidade definida, que vive com os seus proprios lineamentos e trabalha respondendo ao seu modo de sêr.

Transformadas as escolas em *centros de interesse*, ellas foram adaptadas em cada região, de maneira a que a capacidade dos alumnos se desenvolva dentro de finalidades economicas utilitarias e não desconhecidas do meio.

Tal refórma, indiscutivelmente, como todo movimento transformador, terá os seus inimigos e dissidentes. Do balanço, porém, que se fizer mais tarde, dos resultados obtidos, poder-se-á julgar do seu valor e da sua efficacia.

O ENSINO "MONTESSORI" NA ITALIA

Constituiu uma nota distincta e um successo brilhante o curso da Dra. Maria Montessori, este anno, em Milão.

Inaugurado em fevereiro e encerrado em agosto, a elle concorreram 180 professoras das escolas elementares da Italia, enviadas expressamente das distinctas provincias, pelo Ministerio da Instrucção Publica.

A diffusão extraordinaria, operada desde 1911, com a traducção para o inglez (Estado Unidos) do livro sobre o methodo da illustre e insigne educadora, e em seguida a propagação que teve o mesmo na Suissa (Genebra) na Inglaterra, na Russia, na Allemanha, na Rumania, no Japão, na Hungria, na Hespanha, na Hollanda; emfim, em quasi todos os paizes do globo, tem despertado um crescente enthusiasmo em favor das idéas montessorianas. Já em 1912, a escritora americana Dorothy Fisher escrevia um livro para as mães ("The Montessori Mother") cujo successo foi notavel. (1)

Professoras de diversas nacionalidades, encarregadas pelos respectivos governos, apresentaram extensos relatorios sobre o methodo. E tal foi o movimento favoravel ás idéas da illustre pedagogista, que em 1913 foram fundados na Italia os cursos internacionais de propagação, dirigidos pela propria Dra. Montessori, concorrendo aos mesmos professores e mães provenientes de todas as partes.

Actualmente, é tão grande o numero de "Case dei Bambini" existentes em todo o mundo, que basta, para comproval-o, fazer menção de que o material didactico Montessori se fabrica em Milão, New-York, Londres, Pariz, Shangai, etc...

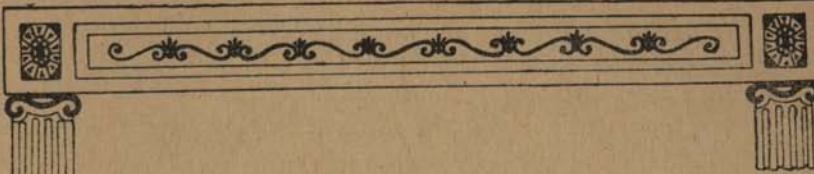
O ultimo curso da notavel educadora revestiu-se de grande interesse, principalmente para o magisterio italiano, visto o proposito do governo em organizar e introduzir nas escolas da Italia, dum modo effectivo, as nórmas derivadas das suas doutrinas.

(1) — Em seguida ao livro de Fisher, publicado em New-York, appareceram: "*The Montessori Principles and Pratices*," prof. Culverwell (Londres, 1913); "*The Montessori Method and the American School*," prof. Florence Ward (New-York, 1913); "*English Education and Dr. Montessori*," (Londres, 1913); etc...

Falando em nome do governo, por ocasião do acto inaugural, o Inspector Central do Ministerio de Instrucção Publica, com. Alexandre Macucci, verdadeira autoridade em questões de ensino, commentou com elevada sympathia o decreto ministerial que instituia o curso e outras disposições attinentes ao mesmo, declarando que o acto de S. Exc.^a o Ministro da I. Publica, cumpria uma aspiração da escola italiana e completava a obra de seu predecessor, o ministro Giovanni Gentile, o qual, ao abordar a refórma da escola elementar, encontrou seus mesmos postulados philosophicos no espirito novo com que Maria Montessori havia animado sua sciencia da educação.

Em seguida, disse: "Da parte do Governo, posso affirmar que o proposito do ministro é o de que nas escolas designadas, dependentes dos "provveditori" ou das communas autonomas, se cumpra a experiencia durante tres annos, como minimo, e com a maxima amplitude e independencia. Porque este methodo que se affirma dia a dia em todo o mundo civilizado e de cujo espirito estão penetrados todos os institutos escolares da Italia, não é ainda bem conhecido em seus conjunto, em sua integridade, em sua autenticidade. Não poderemos conhecê-lo, apreciá-lo e applicá-lo devidamente, si não libertarmos nossas mentes das idéas anacronicas duma educação coercitiva e formalista da qual sentimos o peso, tanto mais oneroso quanto mais nos acercamos do objecto de nossa dedicação: *a criança* — a *criança*, que Maria Montessori nos soube revelar melhor em toda a sua essencia, dedicando á tutela dos seus direitos seu poderoso intellecto e seu grande coração."

O verdadeiro methodo guia o discipulo
na acção de aprender.



LITERATURA INFANTIL

15 DE NOVEMBRO

*Ia em meio a manhã, uma manhã radiante
De um estranho esplendor . . . Bocejando, o gigante
A espreguiçar-se num molle espreguiçamento,
As palpebras descerra, e os olhos, lento e lento,
Entreabre. Em derredor, o vago olhar derrama,
E nota, com surpresa, a immensa e viva chamma
Que precinta de luz, alagando-o, o horizonte;
E diffundindo o olhar, e erguendo ao alto a fronte,
Pela primeira vez, vê como é linda a terra,
Como é florido o campo, e majestosa a serra.
Longe, se encurva o céu, ao qual, beijando, canta
Um hymno, o inquieto mar, de uma harmonia santa . . .
Olhos cerra, e antevê: no recesso das mattas,
Niveas, rolando, caindo, as ruidosas cascatas,
Como os brancos lençóis de noivados felizes;
E sustentadas por seculares raizes,
Arvores colossaes, destrançadas em flôres . . .
Apura o ouvido, e appreende os demais leves rumores . . .
Concentra-se, a scismar . . . Que enorme claridade
O desperta! E que ruído! E' um clamor! E' a cidade!
E' a luta, o movimento, a marcha delirante
Da vida universal, numa expressão triumphante!
De cócoras, não mais! porém, de pé, glorioso,
Bello, deslumbrador, heroico, luminoso,
Tomou as proporções de um semi-deus . . . Foi quando
A's poderosas mãos algemas agitando.*

*Carcomidos grilhões, já cheios de ferrugem,
Exclama: (e em sua voz terríveis vozes rugem)
Como pude viver num carcere medonho
Por tanto tempo, sem o sorriso de um sonho?
E como me deixei arrastar como escravo,
Eu, que nascido fui para sêr forte e bravo?
Irmãos continentaes! Povos americanos!
Si o pesadelo foi de quatrocentos annos,
Si multi-secular foi minha noite — agora
Será radiante e eterna a gloria desta aurora!
Comvosco marcharei; comvosco, lado a lado;
Recolhendo, orgulhoso, os feitos do passado,
Nossos ideaes communs, nossos destinos
Entre cantos de amor, da liberdade aos hymnos,
Olhos fitos em Deus, o coração fremente,
Ligando esse passado ao fulgor do presente,
A alma serena, o olhar sem odio, o riso puro,
Galgaremos, Irmãos!! o Sinai do futuro!*

LEONCIO CORREIA.



A LENDA DO MYOSOTIS

(ADAPTAÇÃO DO ITALIANO)

Quando Deus creou a terra, e o sol, e as plantas, que deveriam perfumal-a e fazel-a mais bella e risonha; e, finalmente, o homem, que haveria de gozar-lhe todas as maravilhas — mandou um anjo para dar nomes a toda a infinita e admiravel multidão de flôres que o seu seio creador havia esboçado.

Na serenidade da manhã, o anjo desceu festivo para a terra.

Viu uma myriade de criaturas simples e puras, que, alegres, elevavam para o céu as petalas avelludadas e multicôres, impregnando o ar, calmo e diaphano, do seu suave perfume.

Elle foi de uma em uma, louvando a arte infinita de Deus, e beijou-as, e declarou-lhes o nome que a cada uma teria de ficar pertencendo.

As flôres agradecidas, inclinavam as matizadas corollas, e repetiam o respectivo nome, para delle sempre se lembrarem.

O anjo, terminado o trabalho, abençoou-as em nome de Deus, e afastou-se para regressar á sua morada tão distante e tão azul!

Mas, subito, fez-se ouvir uma timida voz.

— Anjo, dizia ella, não te esqueças de mim!

O anjo deteve-se.

Donde proviria aquella tremula supplica? Que criatura houvera que escapasse aos seus olhos vivos e profundos?

— Onde estás, pequenina planta? indagou sorrindo, e passeando o olhar em torno.

— Estou aqui... Vês-me?

Seguindo a direcção da voz, o anjo olhou para seus pés.

Do meio de pequenina moita, uma timida flôrzinha erguia a cabeça, na ansia de também sêr vista e acariciada. Sua corolla era toda azul, com olhozinhos amarellos, a brilhar de esperança, postos a contemplar a face do anjo.

— Oh! exclamou o anjo, que pequenita que és! Mas, como és bella, minuscule flôrzinha estrellada!... Fazes-me lembrar a minha azul morada... Como te chamas?

A pequena corolla permaneceu silenciosa e attenta.

O anjo pensou um momento: recordou-se da vozinha gentil, da supplica cheia de dôr...

— Pois, chamar-te-ás — Não te esqueças de mim — disse afinal.

A pequena corolla sorriu-se feliz, e inclinou-se graciosamente, em signal de gratidão. Mas, subito, de novo se elevou para acompanhar o vôo do anjo que seguia a estrada azul do espaço, em direcção á sua morada divina.

A. BARRETO.



O TORRÃO NATAL

Um celebre poeta polaco, descrevendo, em magnificos versos, uma floresta encantada do seu paiz, imaginou que as aves e os animaes ali nascidos, si por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora da morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar á sombra das arvores do bosque immenso onde tinham nascido.

O amor da patria não póde sêr explicado por mais bella e delicada imagem.

Coração sem amor é um campo arido, quasi sempre, ou sempre, cheio de espinho e sem uma unica flôr que nelle se abra e o amenize.

Haveria sómente um homem em que palpitasse coração tão secco, tão enregelado e sem vida de sentimento: o homem que não amasse o logar de seu nascimento.

Depois dos paes, que recebem o nosso primeiro grito, o sólo da patria recebe os nossos primeiros passos: é um duplo receber, que é duplo dar.

As idéas grandes e generosas dilatam o horizonte da patria; a religião, a lingua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem duma nação uma grande familia, e dum paiz immenso, a patria de cada membro dessa familia.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não póde fazer olvidar a pequena patria; dessa arvore majestosa, que se chama a nação, o paiz, não ha quem não sinta que a raiz é a familia e o berço patrio.

Ha nesse santo amor uma escola ascendente, que vae do lar domestico á parochia, da parochia ao municipio, do municipio á provincia, da provincia ao paiz; ama-se o todo porque se ama cada uma de suas partes.

Com effeito, é impossivel negar que em suas naturaes e suavissimas predilecções o coração distingue sempre entre todos os districtos, cidades e diversos pontos do paiz, o torrão limitado do berço patrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado, é sempre amado por nós e sempre grato para nós.

J. M. DE MACEDO.



A BONECA

Minha irmã, quando eu era pequenino,

Mostrou-me, certo dia,

Uma boneca. E disse:

— Isto não é brinquedo de menino!

Muito cuidado! E, cheia de alegria

E garradice:

— Saiba que é minha filha! Chama-se Juliana.

Veja.

E, pondo-a no regaço:

— E' de fazer inveja!

Toda de porcellana:

O rosto, o pé, a mão, a perna, o braço...

E fica em pé sózinha; olhe, e não cae...

E a pôz de pé.

— Ah! que linda que ella é,

A minha bonequinha! E dorme sem ninguem

Fechar-lhe os olhos. Diz mamãe, papae.

Diz sim, diz não...

Para a fazer falar,

No entretanto, com a mão,

Fez minha irmã girar

Uma especie de mola ou chavezinha

Muito pequenininha,

E de uma fórma singular.

A principio, confesso, tive medo,

Porém, depois,

Fiquei gostando tanto do brinquedo,

Que a boneca passou a sêr dos dois.

Ora, uma noite, minha irmã dormia,

Quando em minha cabeça desenfreada

Uma idéa

Que ha muito em mim fervia,

Tal a de saber o que fazia

Juliana,

Que era de porcellana,

Dizer: papae, mamãe, ou não, ou sim...

Como um bandido

Ergo-me, e decidido,

Vou direito

Ao leito

Onde Juliana dorme;

Levo na mão uma tesoura enorme.

Um gesto, e a cravo, em cheio,

No ventre da boneca. A lamina assassina

Enterra, e Juliana, que é franzina,
Abre-se meio a meio.
Ante ella aberta, então, eu me concentro
A vêr o que ha por dentro,
E quasi fico louco
De espanto, que afinal, vejo bem pouco!
Qualquer coisa que é molle,
Uma especie de folle
Collado a uma roldana,
E mais uma cordinha de rabeca. . .
Tudo que havia dentro da boneca
De porcellana!
Desde esse dia, entanto,
Quando vejo passar, entre as rendas e fitas,
Essas flebeis e meigas senhoritas
De olhos de amendoa, tez de porcellana
E ares de avezinha,
Não sei por que razão, fico a pensar
No folle, na roldana e na cordinha
Que fazia falar
A minha idolatrada Juliana!

LUIZ EDMUNDO.



O JARDIM DA VOVÓ

XV

— Esta é a minha flôr, disse Lulú, abaixando-se para apanhar uma boca-de-leão. E, apertando a flôr entre os dedos, fazia a corolla abrir-se e fechar-se, justificando assim o seu nome. Depois, tirando-lhe o calice, levou-o á boca, dizendo: Como é doce! Parece mel!

— Acho melhor você não fazer isso, disse-lhe a vovó. Esse mel não é nosso, e póde você, chupando flôres, engulir algum insectozinho que ahi tenha vindo fazer o mesmo: chupar mel.

— Ahi dentro, tão no fundo! Ahi não podem entrar!

— Podem, sim, Lulú.

Depois, em silencio, ficaram contemplando a belleza do canteiro. Que colorido! Havia bocas-de-leão de todos os tons imaginaveis: de côr escarlata, marron, alaranjada, amarella, rosea e branca. Todas essas lindas flôres tinham, realçando-lhes a côr, uma pincelada de amarello numa das faces.

Vovó e Lulú apreciavam havia já uns minutos as graciosas hastes carregadas de botões e flôres debruçados sobre o verde das suas folhas, quando appareceram novos espectadores.

Vovó fez signal a Lulú que não se mexesse, para não perturbar as visitas.

Primeiro, uma abelha dirigiu-se ao canteiro. Veiu em linha recta, certinha, não ás apalpadelas, como si estivesse procurando alguma coisa, mas como quem sabia onde ia e o que queria.

Aproximou-se, cheirou duas ou tres flôres, e sempre zumbindo, zumbindo, meteu a cabecinha entre os labios duma, desaparecendo no seu nectario.

— E' preciso coragem para descer pela garganta dum leão, disse, sorrindo, Lulú. E' muito querer mel!

Dali a segundos viram-n-a sair de costas. Pousou um instante na beira da petala, para sacudir parte do pó dourado de que estava coberta. Em cada uma das suas patas trazeiras havia uma substancia amarella como ouro; eram vazinhos microscopicos cheios de pollen.

Depois, voou, foi-se embora. Após ella, vieram outras abelhas, aos bandos. Umas iam, outras vinham, zumbindo e sempre levando nas patinhas trazeiras a preciosa carga dourada.

Insectos menores, mais fracos, chegavam ao canteiro florido, mas não se aventuravam a descer ao fundo dos calices; contentavam-se em sugar o restinho de nectar e o pollen encontrado nas flôres cahidas pelo chão.

— Precisamos cobrir este canteiro, disse a vovó, protegê-lo, si quizermos ter sementes. Si o deixarmos á mercê das senhoras abelhas, ellas não deixarão pollen nas flôres, e não teremos sementes perfeitas.

— Olhe, vovó, como a boca-de-leão é interessante! Depois de passar a sua vida de flôr abrindo e fechando a boca, termina seus dias transformada em semente; e parece um anãozinho a nos fazer caretas.

— E' mesmo! Duas aberturas por onde saem as sementes formam os olhos; outra, a boca, e aqui, bem no meio, formando o nariz, o resto do estilete da flôr.

— Este anãozinho tem nariz comprido, e este não tem quasi nariz. Até boné têm os anõezinhos! observou Lulú.

— Pelo que vejo, não são só as abelhas que gostam de brincar com as minhas flôres! . . . Mas, vamos, que já são horas de entrar. Amanhã viremos cobrir nosso canteiro.

— Seria mesmo pena perder as sementes de flôres tão lindas, vovó!



O LOBO AGONIZANTE

Um lobo, sentindo-se mal, recordava suas acções e os episódios de sua vida passada.

— Sim, dizia elle, sei que sou realmente um grande peccador; creio, porém, que não sou dos maiores. Fiz muito mal, é certo, mas fiz algum bem. Lembro-me de que uma vez um cordeirinho extraviado passou, sem me vêr, a alguns passos de distancia; e eu não lhe fiz nenhum mal. Nessa mesma occasião ouvi o balido duma ovelha que se achava perfeitamente a meu alcance; e eu não a matei, embora nada tivesse a recear dos cães nem dos pastores. Não é verdade, comadre raposa?

— Posso confirmar tudo, assegurou a raposa, pois me lembro perfeitamente das circumstancias. Tudo isso aconteceu naquelle dia em que o compadre lobo se engasgou com aquelle enorme osso que mais tarde a boa cegonha lhe arrancou da garganta.



VERDADEIRA POLIDEZ

Certa vez, passeava, em companhia dum commerciante, o presidente Jefferson, dos Estados Unidos, quando, ao passar por uma rua, foi elle respeitosa e cumprimentado por um negro. O presidente, com um ar de bondade e solicitude, respondeu ao cumprimento.

— “Como, disse o commerciante, admirado, vossa excellencia condescende a saudar um escravo?”

— “Eu,” respondeu Jefferson, “ficaria certamente muito triste si um escravo me excedesse em polidez.”

O CASTIGO DO CEDRO

Grita o cedro orgulhoso:

— Eu sou do excelso monte
a majestade, el-rei!

Gloria estranha e suprema!
Longe, longe de tudo, elevo a minha fronte
á vastidão dos céos!

Corôa o meu diadema
a floresta sombria...

Nos meus ramos, pousada, a aguia exausta descansa
tranquilla, noite e dia,
poleiro de confiança,
quando a subir de mais voeja sem directrizes...

E o homem? Negro destino,
destino de infelizes,
humilde e pequenino,
arrasta-se no lodo!

O homem apura o ouvido.
Doe-lhe o escarninho atroz, doe-lhe o sarcasmo ousado,
e abate, sem ter pena, o cedro envaidecido,
a golpes de machado.

BALTHAZAR PEREIRA.



AMIGOS FIEIS

*Bons e velhos amigos, todo dia
A gente os acha, lado a lado, á mesa,
O preto e o branco, cheios de firmeza
Nessa velha amizade que os allia.*

*O tédio nasce da monotonia;
No entanto vemos todos, sem surpresa,
Que peços dois se perpetúa illesa
A nossa decidida sympathia.*

*Ainda tenras, sem signal de dentes,
As proprias criancinhas innocentes
Já revelam profundo affecto aos dois.*

*De muitas coisas prescindir podemos,
Mas um dia siquer não passaremos
Sem á mesa encontrar feijão e arroz.*

JOÃO RIALTO.



SOL ESPIRITUAL

Jorrando do céu luminoso, em ondas resplendentes de luz, o sol glorioso aquece e illumina a terra. Delle os vegetaes recebem salutar e vivificante luz; as flôres desabrocham, brilhantes, pelos valles; nos prados abrem-se as corollas dos immaculados lirios; resplendem as gotas do rocio; os frutos sazonom pendurados á ramagem verdejante do arvoredos; germina a semente; a terra se embalsama de perfumes. Quantos mysterios nessa luz bemdita! Que delicias nos traz essa luz querida!

Assim é o Sol Espiritual: á sua presença fogem as trevas, desabrocha a intelligencia, aclara-se a razão, requinta-se a bondade, aperfeiçoa-se o entendimento, aprimoram-se as virtudes.

Muito és, Sol Espiritual; elevada é a tua missão!

Afugentas, para sempre, as trevas da ignorancia; ellas desaparecem, para não mais tornar, afim de que em seu lugar impere o saber; enxotas o erro, para dar logar á verdade!

ANTONIETTA PANTOJA DE MORAES.



CANTANDO A VIDA

(EXCERPTO)

Elle e aquella criança de doze annos sentiram-se orphans do grande amor. O coração que vivia pelos dois corações acabava de parar, e elle ficara sem esposa e ella ficara sem mãe.

O destino põe assim, ás vezes, certas criaturas na vida, como si as deixasse numa encruzilhada de longo ca-

minho ou perdidas numa immensa e erma floresta. Aquelle peito desaparecido era o unico refugio daquelles dois entes, tão frageis e tão desolados na terra.

Pensando muito na sua tristeza, combinam um recurso extremo. A existencia é agora para elles um grande peso e uma afflicção de morte. Não é só a miseria que os attribula; mais do que a miseria, consome-os a saudade.

Resolvem, então, sair pelo mundo, como uns precitos, a disfarçar aquella dôr. O velho cêgo tangeria o seu alaude e a menina cantaria umas canções que fossem dizer ás almas da terra toda a desolação das pobres almas.

E assim partiram para aquella jornada, sem patria e sem lar, ansiosos por commover corações.

Andaram por aldeias longinquas e por sitios afastados. As gentes os ouviam com grande alvoroço porque aquelles cantos entravam fundo nos peitos, e nelles iam acordando emoções adormecidas. Os sons daquellas cordas, o accento daquellas vozes, a expressão daquelles gestos agitavam as almas e as punham num espanto e num delirio estranho, como si só agora aquelles desconhecidos andassem a dizer-lhes o que era a Vida. Onde quer que passassem espalhando os seus cantos, as multidões vinham pasmear e as crianças e os velhos, principalmente as almas dolorosas e as almas que acordavam para os mysterios do Amor, punham-se a estremecer num grande silencio em torno delles. Nos campos, nas estradas, nos bosques, pelas vicinas dos bairros, andavam sempre acompanhados de longo sequito em afans como de devoção ou cerimonia de culto.

Sentindo-se acalentados do mundo, as duas criaturas se incendiavam e se arrebatavam de enthusiasmos estranhos. O velho, como si por dentro da tenebrosa cegueira, a alma illuminada visse mais do que os olhos mortos, tinha frenesis e arroubos de possessos e cantava tambem num subito delirio, e a sua voz fazia-se lugubre como oração em camara ardente, afflictiva como supplica de precito caminho do patibulo. Transfigurado nos seus extasis, elle

escancarava a boca para cima, como si quizesse expellir do peito a alma para as alturas.

E do seu canto ficava nos ares uma como piedade infinita, um pouco de clamor de misericordia, uma como solennidade de coisas externas, que enlevam as gentes.

E a redondeza toda se alarmava e se abria em maravilhas. Dir-se-ia que a propria natureza vibrava mais intensamente, despertada por aquelles gemidos; pois as florestas, as campinas, o céu, as montanhas azuladas, os valles floridos — tudo parecia viver duma vida estranha quando a voz cavernosa, profunda, fatigada do velho cego, dava um accento de litania áquelles cantos:

Nós somos almas penadas
Pelo mundo, sem guarida...
Somos almas desoladas,
Que andamos cantando a Vida...

E a gente simples e boa accorria das devesas a cumular de carinhos as pobres criaturas; todos lhes traziam frutas e flôres; e, mais celestes do que dadivas valiosas, lhes valiam os applausos, a sancção das outras almas. O velho, que não aprendera a sorrir, chorava de alegria; e a menina tinha os olhos muito abertos para o mundo.

Assim andaram os dois por longes terras, a abalar corações.

ROCHA POMBO.



NINGUEM ME ENGANA...

*Pelo Natal, a mãezinha
Me disse, muito em segredo:
— Papá Noel, á noitinha,
Vae trazer-te, hoje, um brinquedo.*

*Eu bem quiz vêr o velhinho,
Mas o somno me venceu;
E noutro dia, um carrinho
Junto á cama encontrei eu.*

*Mas, a mim... ninguem me engana,
E a razão disso aqui vae:
O carrinho do Noel
Veiu no mesmo papel
Do pião que me deu papae...*



A CARIDADE

*Dos humildes irmã, e mãe dos infelizes,
Abrigo-os em meu seio, acolho-os com bondade;
E ao calor do meu beijo, o lirio da Piedade
Lança nos corações abençoadas raizes.*

*Póvos e religiões de todos os paizes
Conhecem do meu riso a immensa claridade;
Sou santa sem atheu, tenho da humanidade
O culto, a adoração entre os varios matizes.*

*Onde a fome organiza uma ronda sombria,
Onde a miseria existe, onde a desgraça chora
Appareço e, commigo, apparece a alegria.*

*Mensageira de Deus — do justo á alma sonora
Desço, entre anjos do céu, á noite opondo o dia,
E ao crepusculo triste, o resplendor da aurora.*

LEONCIO CORREIA.





NOS ARRAIAES DO ENSINO

O ENSINO DE DESENHO NAS ESCOLAS NORMAES

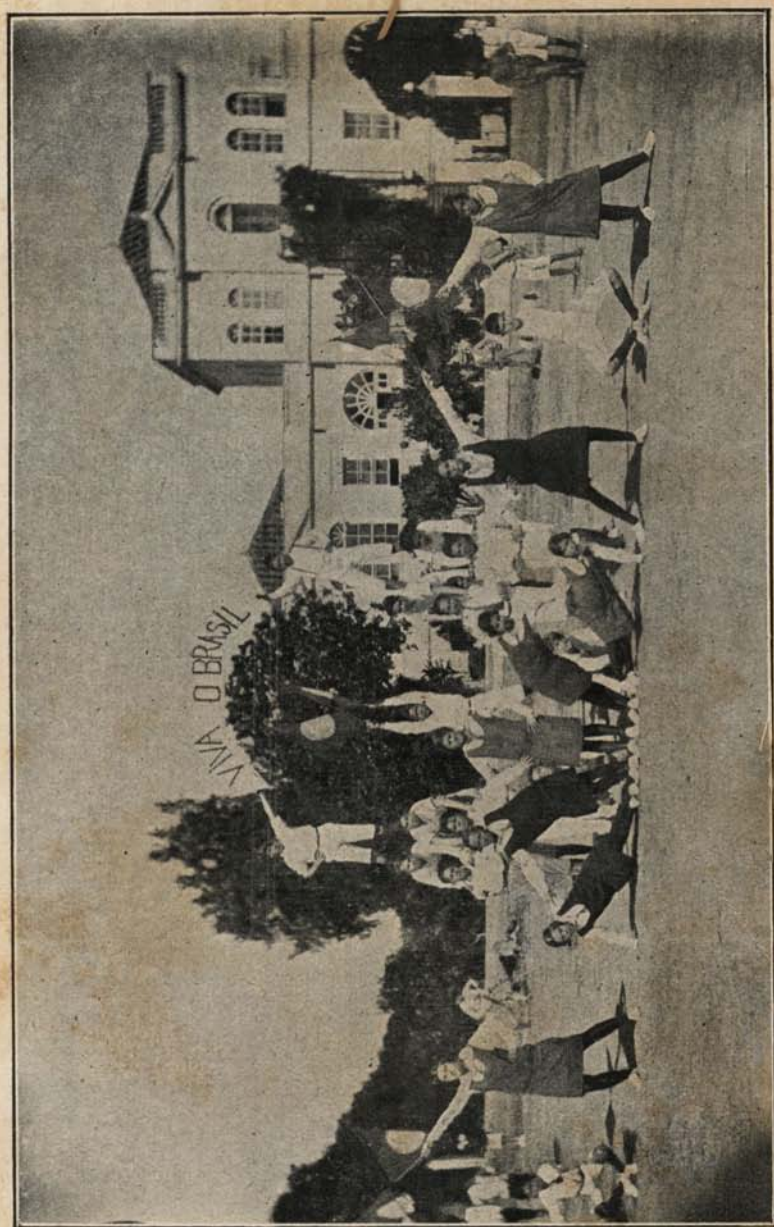
O ensino do desenho, que visa adestrar a mão, aguçar a observação, educar a memória e a imaginação, e desenvolver o sentimento esthetico, não póde ter, na escola normal, finalidade puramente educativa, em vista da feição profissional dessa escola, em que os alumnos se preparam para o exercicio do magisterio primario.

Sendo o desenho uma admiravel linguagem graphica, um instrumento precioso de transmissão de idéas e sentimentos, um meio concreto de exprimir coisas e fórmãs, que a palavra nem sempre consegue com clareza, a aquisição da habilidade no desenho é de incontestavel vantagem para o futuro professor.

Preceituando a pedagogia moderna que o ensino elementar seja essencialmente intuitivo, o mestre, na falta dum museu escolar, será forçado a utilizar-se do desenho, para a representação das fórmãs que são objecto de estudo. Quanto mais habil e desembaraçada fôr a sua mão em reproduzir, embora eschematicamente, o assumpto de sua aula, tanto mais viva e comprehensivel será a sua explicação, maior attenção obterá dos discipulos e mais efficacia no ensino.

O professor não póde desprezar esse valioso auxiliar que torna as suas lições agradaveis e attraentes para as crianças, que muito apreciam o desenho, mórmente o colorido.

Para tal objectivo, o desenho de execução minuciosa e demorada, praticado com a preocupação de "realizar obra perfeita," é pouco efficiente. O normalista precisa exercitar-se mais no esboço rapido, na "arte do *croquis*," que o torne apto a traduzir de memoria, destramente, a mão livre, perante a



COMMEMORANDO O "3 DE MAIO," NA ESCOLA NORMAL DE CASA BRANCA
S. Paulo — Brasil

classe, o objecto ou instrumento, a scena ou a idéa com que deseja illustrar a sua explicação.

Considerando-se que, na maioria das escolas, os meios de que dispõe o professor, para a execução desses rapidos bosquejos, se limitam apenas ao giz e ao quadro-negro, importa exercitar o normalista no emprego desses meios. Portanto, o desenho mnemonico, feito no quadro mural, a giz branco ou de côr, deve alternar-se com os demais exercicios de desenho.

Para essas aulas de desenho illustrativo, serão os alumnos chamados ao quadro, por turmas de oito ou dez, afim de, em tempo marcado (cinco ou seis minutos) desenharem de memoria o assumpto, determinado em aula anterior, pelo professor, e sobre o qual já se exercitaram em casa, observando e copiando, sempre que possivel, *d'après nature*.

Decorrido o tempo, antes de convidar nova turma, fará o professor a critica indispensavel desses esboços, critica benevolá e proveitosa, induzindo o proprio autor a corrigir logo os erros notados.

Esses delineamentos, feitos a traços largos e desembarçados, muitas vezes se restringem ao simples contorno dos objectos, ás suas linhas essenciaes e caracteristicas, o que quasi sempre é sufficiente para o fim a que se destinam.

Mas, o exercicio basico, primordial, de todo o exercicio de desenho nessa escola, deve sêr a copia do natural, servindo de modelos: vasos e outros objectos usuaes, folhas, frutas, flôres, animaes vivos, ou embalsamados, figuras, paisagens etc.

Por sêr contraproducente para a educação da vista e desenvolvimento da personalidade do alumno, é condemnavel, devendo-se abolir por completo, a copia de estampas ou de desenhos executados no quadro-negro pelo professor. Pela estampa, não pôde o alumno julgar o verdadeiro relevo e chega até a descuidar-se da fórmula, para preoccupar-se mais com a technica, com o modo de execução do assumpto, que o artista interpretou de maneira toda pessoal. Deante do natural, livre da influencia do "technismo," procurará o alumno reproduzir o modelo, segundo seu modo de sentir, sem preoccupar-se com os meios a empregar.

Na copia do natural, para a representação dos effeitos de luz e sombra, poderá o alumno empregar o carvão, o lapis, a penna ou a aquarella.

O carvão, o *fusain* dos artistas, é brando, macio, facil de espalhar-se por grande superficie, e fornece um tom variavel, do mais delicado ao mais vigoroso; pôde sêr manejado sobre o papel com a mesma firmeza e desembaraço com que se usa o giz no quadro-negro. Prestando-se admiravelmente para a execução rapida de esboços, era conveniente adoptal-o.

Para facilitar a interpretação do claro-escuro, tambem aconselhamos o emprego de papeis coloridos (papeis cinzentos, pardos, esverdeados, azulados etc.) cuja côr representaria as "meias-tintas," sendo as sombras accentuadas a carvão ou a lapis preto, e as luzes realçadas a giz ou a *crayon* branco.

Copiando directamente do natural, educa-se a vista para apanhar o conjunto geral do modelo e determinar a direcção de suas linhas e suas proporções relativas. Mas, embora uma vista exercitada seja, para esse fim, sufficiente, seria conveniente, para aplanar difficuldades e explicar certos desvios de linhas e deformações de superficies, dar opportuna e praticamente as noções mais elementares de perspectiva.

Além da perspectiva linear, que determina a direcção e dimensões das linhas, e da perspectiva aérea, que indica o afastamento relativo dos objectos, pela gradação das côres e das tonalidades, importa fazer praticar o desenho geometrico, desenho que é executado com instrumentos, com regua, compasso e tê. O desenho a mão armada habilita o normalista a resolver graphicamente os problemas da geometria e a applical-os ao desenvolvimento dos sólidos, ao desenho de letras de fôrma, ao ornato geometrico (gregas, frisos, mosaicos etc.) e finalmente ao desenho geometral, que representa um objecto com suas dimensões exactas e sua fôrma real, pelo systema de projecções.

Como immediata applicação do desenho do natural, precisa figurar no programma dessa escola — a composição decorativa, creada pelo proprio alumno, sobre motivos tirados de nossa fauna e flôra, tão ricas de fôrmas e côres, e bem combinados no desenho de frisos, molduras, festões, fundos, rosa-

ceos etc., uteis para a ornamentação dos objectos domesticos e dos trabalhos manuaes.

Nessa escola, para que o alumno consiga desembaraço nos traços e largueza de movimentos, não se devia permittir que o alumno executasse desenhos minusculos, em papel ou caderno de pequeno formato. Os desenhos precisam preencher a folha de tamanho nunca inferior ao de $\frac{1}{4}$ de papel inglez.

Para o bom ensino do desenho, era necessario que cada escola normal tivesse uma sala apropriada, com algumas duzias de cavalletes verticaes e de pranchetas, para a fixação das folhas, que permittissem os alumnos trabalhar em posição mais hygienica e mais favoravel á liberdade de execução. Todavia, na falta dessas commodidades, aconselhamos que, para servir de prancheta, cada alumno adquira uma pasta de $0^m,50 \times 0^m,70$ formada de duas folhas de papelão espesso, com a lombada e cantos guarnecidos de forte percalina, para estender a folha e desenhar, apoiando-a ao collo e ao encosto duma cadeira, ou á tampa duma carteira escolar.

E' preciso ainda chamar-se a attenção do professor para os inconvenientes do pessimo systema de pôr a mão no desenho do alumno, com o intuito de aperfeiçoal-o e corrigir-lhe os defeitos. Tocar nesses trabalhos é estimular a preguiça e a desattenção. O alumno deve aprender por seu proprio esforço, dando ao seu trabalho um cunho pessoal.

As correcções, individuaes ou, de preferencia, collectivas, indicadas na margem do papel ou no quadro mural, devem concitar o alumno a observar melhor o modelo e a corrigir os erros de seu desenho, afim de educar-lhe a attenção, que é a pedra angular do exercicio de desenho.

Damos, em seguida, um programma de desenho nas escolas normaes, de accordo com as considerações acima.

1.º ANNO

DO NATURAL: — Copia de objectos usuaes, de fórmās simples; suas proporções, contornos e massas de sombra e luz. Ensino occasional das noções mais elementares de perspectiva pratica.

DE MEMORIA: — Execução, a mão livre, no quadro-negro, a giz branco e de côr, de figuras geometricas planas (circulo, ellipse, oval etc.) e de objectos usuaes, cujos contornos possam sêr abrangidos por essas figuras. Ex.: objectos de contorno circular ou semi-circular — laranja, bola, maçã, globo, bule, taça, chicara, tigela etc.; de contorno elliptico — batata, melancia, tomate, limão e outras frutas e objectos de uso commum; de contorno oval — ovo, pera, e objectos diversos etc.

NOÇÕES SOBRE CÔRES. Combinações e matizes. Estudo pratico.

DE IMAGINAÇÃO: — Composições decorativas, fazendo applicação de côres.

DESENHO LIVRE: — Feito fóra da classe.

2.º ANNO

DO NATURAL: — Desenho de fôrmas naturaes e objectos manufacturados, isolados e depois agrupados.

Continuação do estudo pratico de perspectiva. Perspectiva do quadrado, do cubo e do circulo. Desenho, em perspectiva, duma caixa, um livro, uma cadeira, um armario etc.

DE MEMORIA: — Esboços rapidos, no quadro-negro, dos principaes sólidos geometricos e de coisas cuja fôrma se assemelhe á desses sólidos regulares. Ex.: coisas de fôrma cylindrica — garrafa, botija, tambor, copo, cartola, carretel, panela, tronco, torre etc.; de fôrma conica — funil, jarro, leiteira, tina, cafeteira, cenoura, cesto, caramujo etc.; de fôrma cubica — dado, caixa de giz, tinteiro, mesa, cadeira etc.

COMPOSIÇÃO DECORATIVA: — Com elementos naturaes — galhos com flôres e frutas, crear um motivo ornamental — barra, festões etc., fazendo applicação de côres. Noções de estylização.

DESENHO GEOMETRICO: — Execução, com instrumentos (esquadro, compasso e têt) das construcções relativas á geometria plana. Desenho de letras de fôrma, simples. Noção de projecção horizontal. Representação horizontal da sala de aula, do edificio escolar etc.

DESENHO LIVRE: — Feito fóra da classe.

3.º ANNO

DO NATURAL: — Desenho de grupos de objectos diversos. Observações dos valores e do claro-escuro. Desenhos coloridos, com as sombras realçadas a lapis preto ou a bico de penna.

Breve synthese das principaes leis da perspectiva pratica. Desenho, em perspectiva, dum canto da sala de aula, dum trecho da rua etc.

DESENHO GEOMETRICO: — Projecção vertical dum movel ou dum objecto escolar. Representação da planta, das faces e do cóрте de objectos usuaes, instrumentos etc.

DESENHO DE MEMORIA: — *Croquis* rapidos, no quadro-negro, de instrumentos diversos, de orgams e conjuntos vegetaes, para illustração de aulas elementares de sciencias phisicas e naturaes.

COMPOSIÇÃO DECORATIVA: — Combinações variadas, executadas livremente pelos alumnos, de motivos ornamentaes, copiados do natural. Sua applicação a trabalhos diversos. Composição de monogrammas.

DESENHO LIVRE: — Feito fóra da classe.

4.º ANNO

DO NATURAL: — Desenho de aves e outros animaes. Estudo da figura humana. Modelo vivo vestido. Silhuetas em negro. Desenhos a pincel. *Croquis* rapidos do natural, feitos ao ar livre.

DE MEMORIA: — Desenho, no quadro-negro, de insectos, peixes, aves, animaes domesticos e selvagens etc., para illustração de aulas elementares de historia natural.

DE IMAGINAÇÃO: — Composições decorativas, com elementos de nossa flóra e fauna. Desenhos aquarellados, de letras de fantasia, decoradas com flôres, animaes etc.

5.º ANNO

Do NATURAL: — Desenho rapido de conjuntos.

DE MEMORIA: — Desenho, no quadro-negro, de pessoas, animaes, paisagens e scenas diversas, para illustração de aulas elementares de geographia, historia, linguagem etc. Desenho livre de paisagens e figuras, feitas fóra da classe.

Estudo critico de reproducções de obras de arte.

Visitas a museus, monumentos e exposições artisticas.

Composições decorativas, executadas a aquarella.

Leitura commentada do programma de desenho do curso primario.

CYMBELINO DE FREITAS,

Inspector-especial de desenho.



O estudo confere sciencia, mas a medi-
~~~~~ tação, originalidade. ~~~~~



## MUSICAS E CANTOS ESCOLARES

### SAUDADE

(LETRA DA MUSICA ANNEXA)

A dura sorte levou-te.  
Sem a luz do teu olhar,  
Minha tristeza é uma noite,  
Mas a saudade é um luar...

A noite é brumosa e feia.  
(Noite de inverno não fôsse!)  
Mas no céu a lua cheia  
E' tão radiosa e tão doce!

Scismando á lua, que passa,  
Minha alma póde exclamar:  
A noite desta desgraça  
E' noite, mas de luar...

AMADEU AMARAL.

# "SAUDADE"

## CANÇÃO BRASILEIRA

Poesia de  
Amadeu Amaral

A. Alcacio Gomes

Musica de  
João Gomes Jr.

*Andante* *p*

A du - ra sor - te le -

*p* *p* *p*

- vou - te Sem a luz do teu o - lhar. —

*p* *p* *p*

mi - nha tris - te - za e u - ma noi te Mas a sau-da-de e um lu -

*a tempo.*

var. *p* A noi - te é lu - mo - sa e fe - ia

*rall.* *p a tempo*

Noi - te de in - ver - no que fos - sel Mas no teu a lu - a

che - ia é tão ra - dio - sa e tão do - ce.

*Gr.* *p* Scis - man - do a lu - a que pas - sa

mi nh'al - ~~for~~ ma po - de ex - cla mar

A noi - te des - ta des - gra - ça e noi - te mas' de lu -

-ar Ah!

no i - te mas de lu ar ah!

*prosa meno*

The musical score is written on four systems, each with a vocal line (treble clef) and a piano accompaniment (grand staff). The key signature has one flat (B-flat). The lyrics are in Portuguese. The first system includes a 'For' annotation above the vocal line. The second system includes a 'prosa meno' annotation below the piano line. The third system includes an 'Ah!' exclamation in the vocal line. The fourth system includes another 'ah!' exclamation in the vocal line. The piano accompaniment features various chords and melodic lines, including a prominent bass line in the first system.

noi - te, mas de lo - dr ah!

*pp*

*rall e p*

The musical score is written for voice and piano. The voice part is on a single staff with lyrics. The piano accompaniment consists of two staves (treble and bass clef). The key signature has one flat (B-flat). The tempo and dynamics markings include *pp* (pianissimo) and *rall e p* (rallentando e piano). The score includes various musical notations such as notes, rests, and slurs.



# VULTOS E FACTOS

GALERIA NACIONAL

(LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS)



RUY BARBOSA

Messidoro admiravel, foi Ruy Barbosa “mais do que um homem superior, o symbolo duma raça, a expressão grandiosa duma nacionalidade.”

Para louval-o é pobre o verbo e fraca a expressão, porque elle foi, ao mesmo tempo e com egual intensidade e grandeza incomparavel, jurisconsulto e orador, tribuno e parlamentar, publicista e philosopho, homem de espirito e de coração. Não

havia segredos, nem arcanos que o seu cerebro não illuminasse, profundando num milagre de luz, todos os dominios do saber humano.

Tão grande é a sua figura, tão notaveis os seus feitos como chefe do civismo brasileiro, como libertador de escravos, como espirito militante, coração liberal, advogado dos oppressos, lida-dor da justiça e da liberdade, que deante d'elle se curvam o ta-lento e a cultura das maiores cerebrações do globo.

Qual o brasileiro que porventura não se lembra ufano da memoravel jornada de Haya, onde o nome do Brasil ficou reful-gindo como o duma nação grande e valorosa, digna do conceito e da admiração do mundo? Quem se esqueceu que foi Ruy — o atlante, como o cognominara Coelho Netto — a força victoriosa que abriu, a golpes de genio, o caminho defi-nitivo para as reivindicações a que tinham direito incontestavel as Pequenas Potencias, no concerto universal?

Lutador como nenhum, Ruy deixou na Historia Patria, aberto em gemmas, um nome que será para as gerações brasi-leiras de todos os tempos, o mais alto brasão de seu orgulho e a gloria mais alta e legitima de seu culto.

Maior que seu tempo, a sua vida está marcada por uma série ininterrupta de renhidas pelejas, de batalhas formidan-das em defesa dos fracos, dos humildes e na reivindicacão dos principios constitucionaes a que votaram juramento e fidelidade os implantadores do regime.

Morto, ficou para eternizar o seu nome essa obra maravi-lhosa de idealismo e de genio, que abraça todas as fronteiras das sciencias, todas as distancias do saber, e que foi vivida e lavo-rada, dia por dia, com a virtude e a abnegação dum verdadeiro apostolado.

Mas, onde o seu prestigio culminou, foi na revivescencia da lingua, á qual deu uma plasticidade nova, um vigor surprehen-dente, uma opulencia maravilhosa e uma perfeição nunca attingida, “desde os chronistas dos reis até os lavrantes de filigrana.”

Como perfeito mestre da palavra, quem se lhe pôde com-parar? Elle que, consoante accentuou Lemos Britto numa syn-

these admiravel — “faz da palavra raio, e com ella calcina, destróe, arraza e illumina; faz da palavra satyra, e com ella zurze, fustiga humilha, transforma-a em estafim, e ás ancas da torpitude eil-a que estala e tira sangue; forja-a em legitimo Toledo, e ahi está que cáe a fundo, agil como um florete em punho de esgrimista, prostrando dum só golpe o adversario; veste-a de ironia, e corta e queima como o vitriolo. Nas batalhas que fere, participa de tudo quanto constitue as tempestades: sibilla como os ventos, clareia como os relampagos, abate come os fuzis, ri-bomba como os trovões, rebrame como as vagas.

Nessas horas de colera, dir-se-ia que, novo Antheu, vae buscar a força ás entranhas da terra, e, novo Prometheu, vae roubar a luz ás constellações do céu.

Arrefecida a peleja, não mais é rajada, nem raio, nem arrazamento; é chuva que suaviza; é orvalho que dulcifica; é zephиро que acaricia, é piedade, é perdão... Então, sua eloquencia troca as forças de Jupiter pelas mimosas corollas dos jardins do coração. Faz da palavra balsamo, e conforta; unge-a de mel, e dessedenta os soffregos de justiça; unta-a de essencias delicadas, e perfuma o ambiente; veste-a de doçura, e quebranta as almas dos mais duros.

A sua musica, repete nas almas o milagre de Moysés: — nos soberbos abróta um veio de bondade; nos mais scepticos abrólha uma esperanza.”

Eis figurado o genio cujo nome refulgirá dum brilho imperecivel nos fastos da nossa historia, como o do maior apostolo do Direito em seu tempo e o da maior cerebração da America Latina, — orgulho e gloria do Brasil.

---



## O «FOLK-LORE» NA ESCOLA

### A ONÇA E O GATO (1)

A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber água, fizeram uma aposta para vêr quem pulava mais.

Chegando á fonte, encontraram lá o calangro (2) e então disse a onça para o gato:

— Compadre, vamos vêr quem, dum só pulo, pega o camarada calangro?

— Vamos, respondeu o gato.

— Só você pulando adeante, disse a onça, astuciosa.

O gato pulou emcima do calangro e a onça, ágil e rápida, pulou emcima do gato. Então, o gato percebendo a intenção da onça, pulou de banda e escapou da volteada. (3)

A onça ficou desapontada e disse:

— Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou...

O gato respondeu:

— Saiba a comadre que nem tudo podem os mestres ensinar aos seus discipulos.

---

(1) — Conto de origem africana, colligido por Sylvio Romero.

(2) — *Calangro*: — especie de lagarto.

(3) — *Escapar da volteada*: — livrar-se de sêr enganado, ou de cair em cilada; *volteada* — cilada, emboscada numa volta de capão ou matto; é termo empregado tambem em relação ao gado quando se apanha de surpresa ("Vocabulario Gaucho" — Roque Callage.)



## O MACACO E A COTIA

O macaco foi dançar o cateretê (4) em casa da cotia. O macaco pôz-se a tocar viola e a cotia começou a dançar, e, no virar á roda, deu uma umbigada na parede e partiu o rabo.

Todos os que tinham rabo, ao verem o incidente, ficaram com medo de dançar.

O preá, vendo que ninguém se mexia, disse:

— Ora, vocês estão com medo de dançar. Mandem tocar, e vão vêr obra!

O macaco ficou logo desconfiado e trepou num banco e pôz-se a tocar para o preá dançar. O preá deu umas voltas e foi dar sua umbigada no mestre macaco, que não teve outro jeito sinão entrar na festança, e todos, de proposito, lhe pisaram no rabo.

Disse elle, então, indignado:

— Não danso mais, porque compadre preá e compadre sapo não devem dançar pisando no rabo dos outros. Si elles tivessem rabo, vá lá, a gente descontava...

E pulou para cima da janella e de lá ponteou (5) a viola, sem sêr incommodado.



## A LENDA DA VICTORIA-REGIA

Dentre as immensas folhas verdes, semelhantes a lavradas bandejas de esmeralda, exurgem e desabrocham, brancas e olorosas, como grandes magnolias polypetalas ou “enormes bogarins, de trinta a mais centímetros de diametro e quasi dois de altura.” E’ a victoria-regia.

---

(4) — *Cateretê*: — dança de caboclos; especie de *batuque*, ou dança especial dos negros africanos.

(5) — *Pontear*: — tocar, tirar notas do instrumento; diz-se tambem das rezes que se tocam á frente para romper a marcha da tropa.

Flôr nenhuma se lhe pôde comparar em belleza e tamanho.

A' superficie das aguas, ostenta-se, regia e soberana, como a maravilha sem par dos thesouros inenarraveis da flôra brasileira.

Os indios, na sua crença, denominaram-n-a a "estrella das aguas" e teceram a lenda maravilhosa da sua origem, dando-a como nascida do corpo branco de Nayá, jovem e linda princesa duma tribu primitiva que habitava as margens desse grande mar de agua doce que é o Amazonas.

Certa noite, Nayá, a joven princesa, attrahida pelo mysterio das aguas, debruçou-se sobre o grande lago e viu no espelho liquido a imagem luminosa dum principe que lhe acesnava, alegre e feliz. Encantada pela visão estranha, a jovem princesa foi caminhando para elle, até desaparecer num remoinho, em meio das aguas...

Dias e dias procuraram-n-a inutilmente pelas selvas os heróes da sua tribu. Adivinhos e feiticeiros se empenharam em desvendar o grande mysterio, quando, ao fim dum longo dia, viram surgir, como uma appareição á superficie do pelago illuminado pela faiscção dos astros, uma branca e enorme flôr, até então desconhecida.

E deram-n-a como nascida do corpo branco da linda princesa, pelo que a intitularam a "estrella das aguas."

\*  
\*\*

## TROVAS PAMPEANAS

Coração como este meu  
Tão leal não ha nenhum;  
Por estes pagos (6) a fóra  
Dum cento se tira um!

---

(6) — *Pago*: — (Rio Grande do Sul) — lugar onde se nasceu; o rincão, a querencia, a villa, o povoado, a estancia do municipio onde alguém móra ou donde é natural. E' empregado, indifferentemente, no singular eu no plural — *pagos*.

Quem quizer sêr bem querido  
Não se mostre afeiçoado:  
Que um affecto conhecido  
Periga sêr desprezado.

Quando a gente pobre morre,  
Vae gozar lá nas alturas;  
O rico vae é p'ra os quintos, (7)  
Fervendo na fervedura. (8)

---

(7) — *Quintos*: — *ir p'ra os quintos* é o mesmo que — *ir para o inferno*. Expressão popular muito corrente.

(8) — Esta quadra é muito corrente no interior do Estado de S. Paulo.



## NOTICIAS

### HONROSO TELEGRAMMA

Pelo segundo anniversario do seu exercicio no alto cargo de Director Geral da Instrucção Publica, occorrido no mez p. findo, o Sr. Prof. Pedro Voss recebeu do Sr. Dr. Secretario do Interior o telegramma seguinte:

“A data de hoje recorda vossa posse no cargo que vindes exercendo ha dois annos, com tanto brilho e proveito para a instrucção publica.

Congratulando-me com os professores e alumnos sob vossa direcção e com o dedicado e leal collaborador do governo, pela passagem desse anniversario, envio ao prezado amigo sinceros agradecimentos e a mais cordeaes saudações.”

\* \* \*

### ORPHEÃO INFANTIL PAULISTA

Realizou-se no dia 12 do mez p. findo, no Theatro Municipal, a inauguração official do Orpheão Infantil Paulista, nova instituição destinada á cultura do canto entre os alumnos das nossas escolas.

A’ audição estiveram presentes o Dr. Presidente do Estado e Srs. Membros do Governo, o Sr. Director Geral da Instrucção Publica e seus auxiliares, representantes da imprensa, professores, grande numero doutras pessoas gradas e de Exmas. familias da nossa elite social.

Cerca de tres mil crianças, num conjunto harmonico de vozes, empolgaram a numerosa e selecta assistencia que enchia o vasto theatro e que não lhes resgateou o seu melhor applauso, bem como ao director do Orpheão, maestro João Gomes Junior.

A magnifica demonstração veio pôr em evidencia o valor educativo do canto nas escolas, quando subordinado a um bom criterio pedagogico, como o que está sendo seguido nos grupos-escolares do Estado.

Com effeito, simultaneamente com as regras physiologicas relativas ás funções do apparelho vocal e do respiratorio das crianças na emissão da voz, foram observadas as referentes á educação moral e artistica que o canto coral deve despertar. Eis porque as crianças que constituíram o Orpheão, deram aos hymnos e canções não só a nitidez musical, como a interpretação e o sentimento que lhes inspirou a compreensão clara das respectivas letras, aliás, todas sobre assumptos tendentes a crear na alma infantil o sentimento de respeito e amor pelas nossas coisas, pelos nossos homens, pela nossa patria.

Em summa, os hymnos e as canções executadas pelo Orpheão Infantil Paulista, foram *compreendidos e sentidos*, attin-gindo assim a sua finalidade educativa, e comprovando plenamente a utilidade da nova instituição em boa hora creada pelas altas autoridades da Instrucção Publica do Estado.

\* \* \*

## SERIAÇÃO DE LIVROS DIDACTICOS

Sobre o assumpto, a Directoria Geral da Instrucção Publica mandou publicar o seguinte edital:

“De ordem do sr. Director Geral e para o conhecimento dos interessados, faço publico que, por esta Directoria, vae sêr feita a seriação dos livros didacticos, já approvados, que devem sêr usados no proximo anno lectivo para o ensino de leitura elemental, expressiva e supplementar nas escolas do Estado.

Os autores, ou os editores de taes trabalhos, que quizerem concorrer á referida seriação, poderão apresentar os mesmos, nesta Directoria, até o dia 20 de outubro proximo, em tres exemplares impressos. Não serão admittidos trabalhos dactylographados ou manuscritos.

Os exemplares submettidos á seriação não serão restituídos.

Directoria Geral da Instrução Publica, 22 de setembro de 1926.

Francisco Antunes da Costa, Director da Secretaria."

---

### "REVISTA ESCOLAR"

Aos Srs. assignantes, em atrazo, a Redacção pede mandarem satisfazer o seu debito, por todo o corrente mez de novembro.

Outrosim, as refórmias de assignaturas para 1927, bem como as assignaturas novas, devem sêr feitas no decorrer de dezembro proximo, para a boa ordem na remessa da Revista.



## SECRETARIA DO INTERIOR

### INSTRUÇÃO PUBLICA

*Varios despachos, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Secretario do Interior*

ADELIO FERRAZ DA COSTA. — Indeferido. O supplicante foi submettido á inspecção, nesta Capital, a 10 do corrente, e o laudo conclue, com fundamento em exame clinico e prôvas de laboratorio, que a molestia verificada pôde sêr tratada sem prejuizo do exercicio do magisterio. Contra laudo assim fundado e recentissimo, não pôde prevalecer simples attestado medico.

JOSÉ FLORIANO DE AZEVEDO MARQUES. — O supplicante não tem direito á licença com inicio pedido, pois não justificou, não satisfez as exigencias legais, que a esse respeito são claras, expressas e terminantes. Acresce que as informações reiteradas e uniformes excluem a possibilidade legal de tal inicio. Faça-se nova designação para inspecção.

D. ISABEL DE MORAES ROBBIATI. — O requerimento não podia, nem devia ter sido encaminhado, nos termos do art. 16, § 2.º do decreto n. 3.205, de 1920, que foi violado pela supplicante. A' vista disso e pelos fundamentos da informação, a supplicante não tem direito ao inicio pedido, devendo sêr submettida á inspecção medica, para que se possa julgar da licença requerida. (Aguarde inspecção, em Presidente Alves.)

— Foi exarado o seguinte despacho, no officio do Sr. Inspector do 14.º districto, devolvendo a portaria de licença de

dois mezes, concedida á professora D. Maria da Siva Madureira, nos termos do art. 25 da lei n. 1521: — “E” procedente a proposta de fls.... O artigo 25, nella citado, concede dois mezes de licença, a contar do 9.º mez, isto é, durante o ultimo mez de gestação e o seguinte ao parto. Assim, si a funcionaria, por erro de calculo, ou outro motivo, deixou de requerer em tempo e dá-se o parto — só terá direito ao mez seguinte ao parto. Faça-se a apostilla.”

---

D. CLOTILDE RIBEIRO DE MENDONÇA. — Indeferido, pelos fundamentos da informação da Secção. A requerente, quando solicitou a licença alludida, não provou com certidão de tempo fornecida pelo Thesouro que contava o tempo exigido por lei para obtenção do favor a que allude o artigo 45, letra “f,” do decreto n. 3.858, requerendo simplesmente licença para tratar de sua saude, conforme se verifica do processo annexo. Ha ainda a assignalar que não estando em execução a disposição da lei citada, mesmo que a supplicante faça próva de que estava nas condições de gozar dos favores do artigo 45, terá que aguardar decisão final sobre a materia, que está sendo estudada.

---

Foi communicado á Secretaria da Fazenda, que os serventes substitutos de grupos-escolares, nomeados interinamente, devem perceber vencimentos integraes, pois, no caso, não é possível seguir a regra geral adoptada para as substituições, porquanto não se encontraria quem aceitasse a substituição para receber a gratificação, apenas, no cargo de servente.

---

D. BENEDICTA DE AZEVEDO ANTUNES. — A providencia denominada “afastamento prophylactico” constitue licença “ex-officio.” O art. 20 do dec. 3.205, de 1920, que é o seu fundamento, diz, clara e expressamente: “Aos professores que tiverem molestia contagiosa em sua pessoa, ou em pessoa de sua familia, o Governo concederá licença “ex-officio,” ouvido o chefe da Inspeção Medico-Escolar.” Nessa especie de licença, a lei apenas dispensa as formalidades de licença commum, quanto ao attes-

tado medico, informação da autoridade escolar e quanto ao requerimento do professor, e em tudo mais rege-se pelo art. 7.º da lei n. 1.521, de 1916. A anotação na ficha deve sêr feita nesses termos.

---

D. EMMA AZEVEDO. — Indeferido. A supp. já incorreu na perda do cargo, em virtude do numero das faltas injustificadas que deu. E taes faltas foram dadas porque a supp. está cursando o 1.º anno da Faculdade de Medicina. Allega molestia para obter licença, mas não está doente para fazer diariamente o alludido curso. Vá o presente processo, depois de publicado o despacho, ao sr. sub-director geral, para as devidas providencias.

---

D. DINORAH DIAS CESAR. — Não tem logar o requer, á vista do confronto entre o attestado de fls. 6 e o laudo de fls. 13, datado de 10 de setembro, em que se declara a supplicante no oitavo mez de gestação, e precisando apenas de repouso para completo restabelecimento. E concorrendo, no caso, attestado e laudo de junta medica, deve prevalecer este ultimo. A licença especial não é concedida em prorrogação á licença commum, nem está em prorrogação á 1.ª; cada uma dellas tem o inicio determinado pelas circumstancias e prazos destas, de accordo com as exigencias legais.

Ora, não sendo dado determinar com precisão o dia em que uma gestante entrará no nono mez de gestação, não tinha logar o pedido da supplicante, datado de 20 de setembro, duma nova licença a contar de 1.º de outubro, e dessa data em diante pelo art. 25.

Nessas circumstancias, e tendo em vista o citado laudo, a licença especial só poderia ter inicio a contar do visto na referida portaria, interrompendo a licença commum si ainda vi- gente nesse tempo.

Por essas considerações e fundamentos, mantenho o despacho de fls. 7.

---

D. RAPHAELA ALVES VIANNA. — Não tem logar a aposentadoria requerida, á vista do laudo de inspecção e resultado

dos exames especializados. Na verdade, o laudo de fls. 4 declara "normaes" o aparelho respiratorio, o cardio-vascular, o digestivo e os orgams abdominaes, e finalmente, o systema nervoso; e os exames especializados denunciam estados que não justificam a aposentadoria, e sim uma licença pelo prazo de tres mezes, que por isso concedo.

D. ODILA FERRAZ. — São injustificaveis as faltas no caso do presente processo. E cumpre chamar a atenção das autoridades escolares para o espirito e para a letra do art. 44 do dec. n. 3.858, de 1925, que devem realizar o fim que o legislador tem em vista, a situação especial que quiz proteger e garantir. Além disso, devem sêr entendidos de modo a não collidir com outros dispositivos de character geral.

D. LUCINA DE CAMARGO PENTEADO. — E' de inteira procedencia a informação supra e retro. — Determina-se a inspecção, ou porque a lei exige expressamente, ou porque os termos do attestado não sejam sufficientes, ou haja contradicção entre elles e os da informação da autoridade escolar. Importa isso em significar que a autoridade administrativa não tem no attestado os elementos indispensaveis ao seu julgamento, e recorre ao juizo de peritos, que examinem o caso e opinem de accordo com o resultado de seu exame pericial e de conformidade com as exigencias legais sobre taes pericias.

Ora, no laudo de fls. 5 os peritos não respeitaram essas exigencias: a) pois que fazem obra com a simples allegação da paciente, uma vez que consignam que ella não apresenta molestia apreciavel; b) porque sua conclusão excede o valor das premissas, uma vez que autorizam uma licença de trinta dias a quem não apresenta molestia apreciavel; c) porque as disposições citadas no despacho e informações de fls. 6 e 10, não foram egualmente observadas.

Compreender-se-ia a licença alvitrada em laudo "a titulo de cura de repouso," si o mesmo laudo concluísse affirmando um caso de "estafa physica," a que allude na informação de fls. 8. Tal não se deu, porém, pois que diz apenas: "allega cansaço phy-

sico e debilidade consequente, sem apresentar molestia apreciavel."

Cumpria aos peritos verificar, pela "observação" ou "inspecção medica," si era verdadeira a allegação, de "cansaço physico" e "consequente debilidade," que são factos da alçada medica, e na realidade, verificaveis pelas observações clinicas, concluindo então pela qualificação adequada ao estado observado, "estafa physica," e consequentemente pela licença pelo prazo de trinta dias "para cura de repouso."

Recebendo a informação de fls. 8, como laudo complementar ou complemento ao laudo anterior, e tendo em consideração o trecho do documento citado em que diz — "a cura de repouso" é conhecida de todos os tempos e perfeitamente applicavel nos casos de "estafa physica" que "parece" sêr o actual," — concedo a licença de trinta dias, indicada no laudo de fls. 5.

JOÃO SIMÕES. — O despacho de fls. 9 (verso) a que se refere a informação, determinou inspecção, nesta Capital, mas não mandou recorrer ao Serviço Sanitario. Tratando-se de professor, a inspecção na fórma da lei devia sêr feita na Inspectoria Medico-Escolar. Tendo em consideração esse facto e a divergencia de datas, apontada na informação, submetta-se a inspecção e a prôvas de laboratorio na Inspectoria Medico-Escolar, feitas as necessarias designações, com urgencia, no dia 8 do corrente.

D. MARIA GONÇALVES LOPES. — De accordo com o laudo, concedo a licença requerida, regulada porém, pelo art. 7.º da lei n. 1.521, de 1916. A nota lançada em seguida á assignatura do Sr. medico-chefe, fundada no recurso da equidade, não pôde sêr recebida para os effeitos de classificar a licença no art. 13, da lei n. 1.710, de 1919. Os termos desse dispositivo são claros, e a molestia descrita no laudo de fls. 4 não se enquadra em nenhuma das indicadas nelle de modo expresso. Nesses termos, e não sendo dado á autoridade administrativa ampliar os favores constantes da citada lei a casos não previstos e regulados, sobre-

pondo-se á vontade expressa do legislador, deixo de aceitar a suggestão.

D. CANDIDA BENEDICTA CARDIA. — O pedido de licença de fls. 2 não tem fundamento legal, e foi feito quando a supplicante já havia incorrido na pena de perda do cargo por abandono. Volte o processo ao Sr. sub-director para, examinados os pedidos anteriores, dizer a respeito.

D. FLAVIA SILVA COSTA. — De accordo com a informação supra e retro, á vista do que informa a Secção de Notas, a fls. 1, v. Concedo, pois, a licença requerida — não de accordo com o art. 30, letra "f," do decreto 4.101, do corrente anno, mas nos termos do art. 7.º, § 1.º da lei n. 1.521, de 1916, á vista do attestado e das informações. Cumpre, entretanto, orientar a autoridade escolar que prestou a informação de fls. 1, v., que aos effeitos do dispositivo sobre inicio declarado, sujeito ás exigencias do art. 17, § 2.º do decreto n. 3.858 de 1925. Nessas condições e nos termos da lei citada — devia o supplicante communicar immediatamente a interrupção do exercicio por motivo de molestia á autoridade competente, juntando attestado medico, dentro de 8 dias. Esta communicação é exigida justamente para que se possa verificar a realidade da molestia allegada. Essa verificação deve sêr feita em todos os casos; o tempo em que deve sêr feita é que é differente. Cumpre, pois, á alludida autoridade fazer a verificação para effeito futuro.

ADELIO FERRAZ DE CASTRO. — Não é attendivel o presente pedido de justificação das faltas, de accordo com o § 6.º do art. 306, do decreto n. 4.101, de 14 de setembro p. passado, que diz: "No numero de faltas serão computados os domingos e feriados, quando intercalados entre duas ou mais faltas."

ERASMO ALVES MEIRELLES. — O laudo de inspecção não confirma o diagnostico do attestado e declara o enfermo em franca convalescença, não se justificando assim as allegações do supp. quanto á necessidade de sua presença junto ao enfermo,

pela natureza da molestia attestada. Acresce que, no despacho de fls. 10, foi determinado que o supp. provasse não poder o enfermo dispensar sua assistencia, ouvindo-se a respeito a autoridade escolar de Araras, providencia que não foi tomada. Não estando provado o apontado requisito, não pôde sêr concedida a licença, devendo sêr o supp. notificado a reassumir.

D. ELVIRA GONÇALVES LIMA. — Faltando pouco tempo para o encerramento dos trabalhos escolares no corrente anno lectivo, não convem aos interesses do ensino a deslocação de professores presentemente.

D. MARIA CONSTANCIA DE FARIA. — Na impossibilidade de organizar a junta medica, pois os dois clinicos de Palmital são assistentes da supplicante, a supplicante deve sêr submettida á inspecção nesta Capital.

D. ZAIRA AZEVEDO. — Não convem aos interesses do ensino, presentemente, o provimento da vaga existente, devendo-se accrescentar que, para as vagas abertas, têm preferencia os professores de escolas isoladas do municipio, onde se verificarem as vagas, observados os requisitos de merecimento e antiguidade.





## INDICE

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| A "REVISTA ESCOLAR" . . . . . | 1 |
|-------------------------------|---|

### QUESTÕES GERAES:

|                                                                    |   |
|--------------------------------------------------------------------|---|
| O methodo "Montessori" . . . . .                                   | 4 |
| O caracter . . . . .                                               | 7 |
| O apparelhamento "Montessori" e o seu modo de applicação . . . . . | 8 |

### LIÇÕES PRATICAS:

|                              |    |
|------------------------------|----|
| Arithmetica . . . . .        | 14 |
| Geographia . . . . .         | 18 |
| Linguagem . . . . .          | 19 |
| Zoologia . . . . .           | 24 |
| Historia do Brasil . . . . . | 27 |
| Hygiene . . . . .            | 29 |

### EDUCAÇÃO PHYSICA:

|                           |    |
|---------------------------|----|
| Jógos com bólas . . . . . | 32 |
|---------------------------|----|

### PEDOLOGIA:

|                                          |    |
|------------------------------------------|----|
| A evolução psychica da criança . . . . . | 40 |
|------------------------------------------|----|

### LIÇÕES DE COISAS:

|                                            |    |
|--------------------------------------------|----|
| Nozes . . . . .                            | 43 |
| O coral . . . . .                          | 44 |
| Fontes thermaes — Aguas mineraes . . . . . | 46 |
| Canalização . . . . .                      | 47 |

### RESENHA PEDAGOGICA:

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| O ensino no Mexico . . . . .              | 49 |
| O ensino "Montessori" na Italia . . . . . | 51 |

## LITERATURA INFANTIL:

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| 15 de Novembro . . . . .       | 53 |
| A lenda dos myosotis . . . . . | 54 |
| O torrão natal . . . . .       | 56 |
| A boneca . . . . .             | 57 |
| O jardim da vovó. . . . .      | 59 |
| O lobo agonizante . . . . .    | 62 |
| Verdadeira polidez . . . . .   | 62 |
| O castigo do cedro . . . . .   | 63 |
| Amigos fieis . . . . .         | 64 |
| Sol Espiritual . . . . .       | 65 |
| Cantando a vida . . . . .      | 65 |
| Ninguem me engana . . . . .    | 68 |
| A caridade . . . . .           | 68 |

## NOS ARRAIAES DO ENSINO:

|                                                   |    |
|---------------------------------------------------|----|
| O ensino de desenho nas escolas normaes . . . . . | 70 |
|---------------------------------------------------|----|

## MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:

|                   |    |
|-------------------|----|
| Saudade . . . . . | 77 |
|-------------------|----|

## VULTOS E FACTOS:

|                       |    |
|-----------------------|----|
| Ruy Barbosa . . . . . | 82 |
|-----------------------|----|

## O "FOLK-LORE" NA ESCOLA:

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| A onça e o gato . . . . .           | 85 |
| O macaco e a cotia . . . . .        | 86 |
| A lenda da victoria-regia . . . . . | 86 |
| Trovas pampeanas . . . . .          | 87 |

|                    |    |
|--------------------|----|
| NOTICIAS . . . . . | 89 |
|--------------------|----|

## SECRETARIA DO INTERIOR:

|                          |    |
|--------------------------|----|
| Actos diversos . . . . . | 92 |
|--------------------------|----|

S. PAULO  
TYPOGRAPHIA SIQUEIRA  
RUA LIBERO BADARÓ, 48  
1925